

# **Da Geografia de Orlando Ribeiro à Geografia Atual**

**Experiências com alunos do ensino secundário no contexto de  
prática de ensino supervisionada**

**Maria Luísa De Sousa Neves Ferreira**

**Relatório de Estágio de Mestrado de ensino da História  
e da Geografia no 3º Ciclo do ensino básico e ensino  
secundário**

**Versão corrigida e melhorada após defesa pública**

**Março, 2016**

# **Da Geografia de Orlando Ribeiro à Geografia Atual**

**Experiências com alunos do ensino secundário no contexto de  
prática de ensino supervisionada**

**Maria Luísa De Sousa Neves Ferreira**

**Relatório de Estágio de Mestrado de ensino da História  
e da Geografia no 3º Ciclo do ensino básico e ensino  
secundário**

**Versão corrigida e melhorada após defesa pública**

**Março, 2016**



Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário realizado sob a orientação do Professor Doutor Fernando Ribeiro Martins, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e supervisão da prática de ensino da responsabilidade da Professora Maria Isilda Medroa, docente de Geografia na Escola Básica e Secundária Passos Manuel.

Versão corrigida e melhorada após defesa pública.



Para a minha mãe  
pelo incentivo e ensinamento de que desistir não é o caminho



## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho só foi possível devido à colaboração e apoio de diversas pessoas a quem quero expressar a minha gratidão.

Ao Professor Doutor Fernando Ribeiro Martins, orientador deste trabalho, quero expressar o meu reconhecimento pelo infatigável apoio, sugestões, e sobretudo revisão crítica que muito enriqueceram esta prática de ensino.

À Professora Doutora Raquel Pereira Henriques por todo o apoio e ajuda a ultrapassar todas as dificuldades que surgiram.

À orientadora cooperante Professora Maria Isilda Medroa por toda a orientação, motivação e ensinamento.

Às minhas colegas e amigas, Joana Carreto e Daniela Louro, pelas palavras de incentivo, motivação e amizade constantes.

Aos alunos da turma C do 10.º e 11.º ano, aos alunos do 10.º ano turma F da Escola Básica e Secundária Passos Manuel.

A todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste relatório, a minha sincera gratidão.





**DA GEOGRAFIA DE ORLANDO RIBEIRO À GEOGRAFIA ATUAL**  
**Experiências com alunos do ensino secundário no contexto de Prática de Ensino**  
**Supervisionada**

**MARIA LUÍSA DE SOUSA NEVES FERREIRA**

**RESUMO**

O presente relatório descreve a Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3.º Ciclo do ensino Básico e Secundário, incide sobre as atividades desenvolvidas na disciplina de Geografia A e Geografia B do Ensino Secundário, com as turmas do 10.º e 11.º ano da Escola Básica e Secundária Passos Manuel, no ano letivo de 2014/2015.

O relatório está dividido em três partes. Na primeira parte, faz-se uma breve reflexão teórica sobre a escolha do geógrafo Orlando Ribeiro, figura central da Geografia Portuguesa, cuja obra constitui um precioso conjunto de recursos para o ensino-aprendizagem da Geografia. Pretende-se demonstrar a importância e a pertinência da utilização de materiais do professor Orlando Ribeiro na aprendizagem desta disciplina. Dar-se-á especial destaque ao trabalho de campo aplicado ao ensino da Geografia, por ser um método que Orlando Ribeiro pôs em prática durante a sua vida como docente, investigador e incentivador para a formação de futuros geógrafos.

Na segunda parte descrevem-se as atividades dentro e fora da sala de aula com os alunos, bem como os recursos e métodos utilizados para o ensino-aprendizagem. Ao longo da prática de ensino, foi nosso propósito que os alunos conhecessem um pouco da obra deste grande geógrafo a quem nos referimos como o “pai” da Geografia em Portugal e que seja motivação para o gosto pelos conteúdos da disciplina.

Na terceira e última parte, será descrito o percurso profissional da autora enquanto professora da disciplina de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário.

**Palavras-chave:** Orlando Ribeiro, trabalho de campo, motivação, ensino-aprendizagem.



# **FROM ORLANDO RIBEIRO'S GEOGRAPHY TO ACTUAL GEOGRAPHY**

## **Experiences with Highschool students in Teaching Practice Supervised**

**MARIA LUÍSA DE SOUSA NEVES FERREIRA**

### **ABSTRACT**

The following report describes the Supervised Teaching Practice of Teaching Geography and History Masters in elementary and highschool, focuses on developed activities on Highschool subjects, Geography A and Geography B, with the 10.º and 11.º grade of Passos Manuel School, in 2014/2015 academic year.

The report is divided in three parts. In the first part, a theoretical reflexion is made about Orlando Ribeiro's choice, important figure of Portuguese Geography, wich work is a precious resource for teaching and learning Geography. It's intended to demonstrate the importance and the relevance of using teacher Orlando Ribeiro's materials when learning this subject. It will be given special attention at field work applied to teaching Geography, because it's a method that Orlando Ribeiro used during his life as teacher and investigator and encourager for future geographer's formation.

In the second phase describes the activities inside and out of the class with the students, as well as the resources and methods used for teaching and learning. Troughout the academic year, is pretended that the students learn a little bit about the work of this great geographer, that is considered the "father" of Geography in Portugal and that be a motivation for enjoying the subject's contents.

In the third and last phase, it will be described my professional way as a History's teacher of elementary and highschool of the 3.º cicle.

**Keywords:** Orlando Ribeiro, Fieldwork, Motivation, Teaching-Learning



# Índice

Índice de figuras.....	xvi
Índice de quadros .....	xviii
Introdução .....	1
Referências a Orlando Ribeiro.....	5
Parte I: Reflexão teórica .....	8
O trabalho de campo em Geografia tendo como referência Orlando Ribeiro .....	8
1.1 – Orlando Ribeiro: Historiador, Geógrafo e Humanista.....	8
1.2 – O Trabalho de Campo no ensino da Geografia.....	9
1.3 – Orientações para a realização de trabalho de campo .....	14
Parte II: Prática de Ensino Supervisionada em Geografia .....	18
2.1. Considerações gerais sobre a PES em Geografia .....	18
2.2 - Enquadramento e caracterização da Escola Básica e Secundária Passos Manuel .....	21
2.3 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia A – 11.º C .....	22
2.4 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia A – 10.º C .....	30
2.5 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia B – 10.º F .....	33
2.6 – Orlando Ribeiro, um olhar...muitas aplicações.....	37
Parte III – Breve descrição da atividade em História .....	40
3.1 – Habilitação para a docência .....	40
3.2 - As escolas .....	41
Considerações finais .....	45
Bibliografia .....	49
Anexos .....	54
Anexo I – Projeto Nós Propomos! .....	56
Visita à volta da escola .....	56
Anexo II - Documento informativo para os encarregados de educação .....	62
Anexo III – Seguro escolar .....	66
Anexo IV - Síntese dos problemas levantados .....	70

Anexo V – Planificação de subunidade temática – 11.º C.....	74
Anexo VI – Planificação de aula do 11.º C .....	80
Anexo VII – <i>PowerPoint</i> – Produtos agrícolas .....	84
Anexo VIII – Atividade em grupo – Produtos agrícolas .....	92
Anexo IX – Grelha de avaliação dos trabalhos 11.º C.....	96
Anexo X - Planificação de subunidade temática – 10.º C .....	100
Anexo XI – Planificação de aula do 10.º C .....	106
Anexo XII – Ficha formativa – Distribuição da população 10.º C.....	110
Anexo XIII – Grelha de avaliação do trabalho de grupo do 10.º C.....	116
Anexo XIV - Planificação de subunidade temática – 10.º F.....	122
Anexo XV – Planificação de aula do 10.º F .....	126
Anexo XVI – Planificação de aula do 10.º F .....	130
Anexo XVII – Atividade de construção de gráficos termo pluviométricos.....	134
Anexo XVIII – <i>PowerPoint</i> - O Quadro Natural de Portugal – O Clima Especificidades do clima português.....	140
Anexo XIX - Ficha sobre a diversidade do clima português 10.º F.....	146
Anexo XX - Grelha de observação do trabalho em <i>PowerPoint</i> dos alunos 10.º F..	152
Anexo XXI - Certificado da Pós-graduação em Ciências da Educação/Ramo de Formação Educacional.....	156

## Índice de figuras

<b>Figura 1-</b> Planificação para a realização do trabalho de campo no Projeto Nós Propomos!.....	24
<b>Figura 2 -</b> Percurso à volta da escola no âmbito do Projeto Nós Propomos! .....	26
<b>Figura 3 -</b> Percurso pedonal em volta da escola, fotografias cedidas pelo professora Isilda Medroa.....	26
<b>Figura 4 -</b> Observação de problemas urbanos, fotografias cedidas pela professora Isilda Medroa.....	26
<b>Figura 5 -</b> Logótipo vencedor do Projeto Nós Propomos! (2014/2015) Realizado pelos alunos do 11.º C, Escola Básica e Secundária Passos Manuel .....	27
<b>Figura 6 -</b> Produtos Agrícolas de Qualidade .....	28
<b>Figura 7 -</b> Realização de trabalho em grupo.....	29
<b>Figura 8 -</b> Acompanhamento da professora estagiária. ....	30
<b>Figura 9 -</b> Alunos consultando o mapa de Portugal .....	30
<b>Figura 10 –</b> Informação sobre Orlando Ribeiro disponibilizada aos alunos. ....	32
<b>Figura 11 -</b> Sesimbra, 1945. ....	32
<b>Figura 12 -</b> Sesimbra na atualidade. ....	32
<b>Figura 13 -</b> Aplicativo de Gráfico termo pluviométrico.....	34
<b>Figura 14 -</b> Diapositivo com frase do professor Orlando Ribeiro sobre o Clima do Algarve .....	34
<b>Figura 15 -</b> Exemplo do trabalho realizado pelos alunos.....	37
<b>Figura 16 –</b> Vistas do litoral sul da parte oriental da Ilha da Madeira . ....	35



<b>Figura 17</b> - Um ferreiro e o seu ajudante a ativar o fole, na aldeia mandinga de Bigine, na Guiné, em 1947.....	35
<b>Figura 18</b> - Arado e enxada, na Madeira, em setembro de 1948.....	37

## Índice de quadros

<b>Quadro 1</b> – Orientação para a realização do trabalho de campo.....	15
<b>Quadro 2</b> - Conteúdos e atividades realizadas na Prática de Ensino Supervisionada em Geografia nas turmas do 10.º C, 11.º C e 10.º F .....	20





# Introdução

O presente relatório, intitulado *Da Geografia de Orlando Ribeiro à Geografia Atual: Experiências com alunos do ensino secundário no contexto de Prática de Ensino Supervisionada*, resulta do trabalho desenvolvido no Mestrado de Ensino da História e da Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, durante o ano letivo 2014/2015.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, decorreu na Escola Básica e Secundária Passos Manuel (Agrupamento de Escolas da Baixa-Chiado em Lisboa) sob a supervisão da professora cooperante Maria Isilda Medroa entre Outubro de 2014 e Janeiro de 2015. A PES de História foi realizada num contexto prévio ao do atual mestrado, entre Outubro de 2006 e Maio de 2007, e será descrita na terceira parte deste trabalho.

Neste relatório apresentam-se algumas experiências de ensino-aprendizagem com as turmas do 10.º e 11.º ano do Ensino Secundário na disciplina de Geografia A do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades e do 10.º ano do Curso Profissional de Hotelaria e Turismo - técnico de Turismo na disciplina de Geografia B.

A escolha de Orlando Ribeiro como referência para o relatório de Prática de Ensino Supervisionada da disciplina de Geografia do Ensino Secundário deve-se à mais-valia da utilização em sala de aula de alguns estudos e recursos daquele autor que, apesar do passar dos anos, nos permitem compreender o território português e a sua evolução.

Orlando Ribeiro ensinou-nos que a observação direta dos territórios está na base de qualquer estudo. A Geografia é uma ciência de “ar livre”, o seu laboratório é a Natureza. Ver, comparar, notar particularidades, procurar entender o que se observa, tentar descrever o que se compreendeu, são o melhor exercício para o aprendiz de geógrafo (Ribeiro, 2012). Pela importância que a observação direta dos espaços e o trabalho de campo têm, valorizamo-lo como metodologia de ensino-aprendizagem, embora tenhamos perfeita noção de que só é possível implementá-lo de modo muito pontual.

Viajar, observar, descrever e interpretar não chega. A Geografia como qualquer ciência, tem a sua face teórica (Ribeiro, 2012). No contexto de PES, não houve a

possibilidade da prática de trabalho de campo como desejaríamos e, por isso, recorreu-se à observação direta de objectos e à observação indireta utilizando imagens e textos do professor Orlando Ribeiro, com o propósito de motivar e enriquecer a aprendizagem dos alunos.

A orientação para a realização deste trabalho partiu de três questões:

- Será que os alunos já ouviram falar de Orlando Ribeiro?
- Será pertinente para os professores de Geografia utilizarem a obra de Orlando Ribeiro no ensino-aprendizagem?
- Como poderemos aprender com Orlando Ribeiro?

No decorrer da PES procurámos dar resposta a estas questões e compreender em que medida a obra daquele geógrafo pode ser potenciada na ensino da Geografia.

Segundo Gaspar (1988), a obra de Orlando Ribeiro sendo intemporal, continua a iluminar o espírito de todos aqueles que buscam o entendimento geográfico, histórico e político. Foi um homem da *Terra*, aberto ao Mundo, viveu de forma superlativa tudo o que revelava dos problemas do planeta – do clima às fomes, das catástrofes físicas às manifestações urbanísticas. A Geografia constituía a síntese do conhecimento vivido.

Apesar de todo o conhecimento tecnológico e científico de que dispomos nos nossos dias, os caminhos de investigação utilizados por Orlando Ribeiro ainda hoje são amplamente percorridos. Faz todo o sentido trazer o conhecimento de Orlando Ribeiro para o ensino-aprendizagem da Geografia. Formou várias gerações de geógrafos portugueses e continuará a trazer largos contributos para a formação de muitos outros no futuro.

*(...) Se alguma coisa de vivo passou ao meu ensino e aos meus trabalhos, devo-o a esta fúria de correr o mundo, de ver terras e gentes. Só assim se pode ser geógrafo. O gabinete, o laboratório, a tranquilidade das bibliotecas, não devem passar para nós, de um repouso transitório no nosso fadário de andarilhos (Ribeiro, 2008: 101-107).*

O trabalho de campo, de acordo com alguns autores, é um método que muitos professores de Geografia ambicionam, conscientes da sua validade pedagógica. De acordo com a Direção Geral de Formação Vocacional (2007: 7), e o Programa de Geografia A do Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas (Alves *et al.*, 2001:14), a aprendizagem deve privilegiar e fomentar a observação direta (naturalista ou estruturada), recorrendo a visitas de estudo

e a trabalho de campo. Esta metodologia pode permitir aos alunos desenvolverem competências essenciais em Geografia, nomeadamente as relacionadas com a observação direta de paisagens, que estimula a curiosidade geográfica.

Durante a PES, não foi possível proceder à observação “*in loco*” com a frequência que seria desejável. Perante a impossibilidade da realização de trabalho prático no local, foram utilizados como recurso para o ensino-aprendizagem materiais diversificados do professor Orlando Ribeiro tais como imagens, mapas e textos. Propósitos como descrever, analisar e comparar, para poder construir hipóteses explicativas que induzam à produção de conhecimento, foram também alcançadas através da observação indireta recorrendo às novas tecnologias de informação e comunicação (*internet*), o que proporcionou aos alunos a observação de diferentes regiões.

Os objetivos que se pretendem alcançar com a aplicação desta metodologia no ensino-aprendizagem da Geografia A com os alunos do 10.º e 11.º ano Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades do Ensino Secundário consistem em:

- a) Proporcionar aprendizagem com base na observação direta fora da sala de aula, se possível saindo do espaço escolar.
- b) Permitir aos alunos contacto direto com materiais/recursos atuais tanto quanto possível próximos dos alunos.
- c) Analisar, de forma comparativa, conteúdos do programa de Geografia tendo por base, entre outros, textos e imagens de Orlando Ribeiro.
- d) Proporcionar aos alunos o conhecimento do espaço onde estão inseridos.

A comunicação e a empatia dentro da sala de aula foram exploradas por abordagens aos materiais de Orlando Ribeiro, através de metodologias e estratégias que facilitaram o processo de ensino e aprendizagem.

No que concerne às planificações, procurámos sempre a diversidade nos recursos, tendo a noção da heterogeneidade da população escolar. Procurámos também com as atividades desenvolvidas em sala de aula, motivar os alunos, dando-lhes o apoio adequado que cada um necessita de forma a promover a autoestima, a valorização e a autonomia a ritmos ajustados a cada aluno. Para o desenvolvimento de uma estratégia de sucesso com a capacidade de motivar os alunos “importa diversificar as fontes a que se recorre e multiplicar as formas de abordar os problemas para que não aconteça que

uma qualquer experiência inovadora se transforme em mais uma prática rotineira e estereotipada” (Direção Geral de Formação Vocacional, 2007:6).

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada é composto por três partes. Na primeira parte faz-se a reflexão teórica sobre a importância do trabalho de campo em Geografia, tendo como referência o professor Orlando Ribeiro, nomeadamente a importância que ele atribui à observação direta, à descrição, análise, comparação e construção de hipóteses explicativas.

*O ensino-aprendizagem dos alunos deve consistir na recolha de informação de modo a fomentar a observação direta (de naturalista a estruturada) recorrendo a visitas de estudo e ao trabalho de campo ou a iniciativas individuais e a pesquisa documental, baseada em publicações estatísticas, documentação cartográfica, relatórios, legislação (nacional e comunitária), textos de imprensa, livros, internet, etc. (Alves et al., 2001:14).*

A segunda parte será a descrição e análise do trabalho letivo realizado com os alunos do 10.º e 11.º ano do Ensino Secundário, do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades na Escola Básica e Secundária Passos Manuel.

Por último, na terceira parte, apresenta-se uma breve descrição da experiência e atividade profissional enquanto professora de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, cujo estágio decorreu na Escola Secundária Jorge Peixinho no Montijo, distrito de Setúbal, sob a orientação da professora de História da Cultura e das Artes, Deolinda Correia. Descrevem-se também as escolas e as turmas em que se teve o privilégio de trabalhar como docente.



## Referências a Orlando Ribeiro

A obra de Orlando Ribeiro é muitíssimo vasta. Tem-se escrito muito sobre o percurso académico deste docente e investigador, considerado um intelectual de prestígio mundial. Não podendo debruçar-me sobre a vida e obra do geógrafo como gostaria, apenas farei referência a estudos que me pareceram pertinentes no âmbito do ensino da Geografia durante a prática supervisionada.

Sobre a figura do professor Orlando Ribeiro e o seu contributo para a Geografia existe vasta bibliografia. Vem inclusive mencionado em diversos manuais escolares de Geografia do 3.º Ciclo do Ensino Básico (Rodrigues, 2012) e de Geografia A do Ensino Secundário (Lobato, 2015). O colóquio organizado pelo professor Doutor Sérgio Claudino<sup>1</sup> em dezembro de 2004, assinalando o primeiro aniversário da biblioteca municipal Orlando Ribeiro em Telheiras, Lisboa, sob o tema: *A influência de Orlando Ribeiro no ensino secundário de Geografia e História* (Claudino, 2008) constitui uma referência fundamental. Realizou-se uma homenagem ao ilustre geógrafo com um breve testemunho de professores do ensino da Geografia e da História. Alguns dos presentes tiveram o privilégio de ter sido seus alunos, outros tiveram-no como fonte de inspiração para o seu percurso profissional. Tiveram em comum o fascínio pela figura e obra de Orlando Ribeiro, ressaltando o seu brilho intelectual, a clareza didática e, em particular, a orientação dada ao trabalho de campo.

A dissertação de Mestrado em História e Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o tema: *Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (Rodrigues, 2009), consiste numa análise e descrição detalhada do espólio bibliográfico e científico do geógrafo sobre diversas áreas do conhecimento, organizado por revistas, monografias, por autor, título, assunto, ano de publicação, editor e tipografia. O objetivo deste trabalho foi construir uma metodologia de investigação assente numa base de dados da qual constam as obras que Orlando Ribeiro legou ao Instituto de Geografia do Porto, em 1984.

A dissertação de Mestrado em Geografia – Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, intitulada *O Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro* (Guedes, 2010),

---

<sup>1</sup> Investigador do Centro de Estudos Geográficos e docente do Departamento de Geografia da Universidade de Lisboa.

apresenta-nos uma descrição da região do Douro vista pelo geógrafo. A investigação feita através de fontes como os seus cadernos de campo e fotografias, foi importante como motivação. No decorrer das comemorações do centenário do nascimento de Orlando Ribeiro (1911-1997), foi lançado o livro *Portugal Luz e Sombra - O País depois de Orlando Ribeiro*, da autoria de Duarte Belo<sup>2</sup>. Neste livro o autor transporta-nos para cerca de 140 lugares de Portugal fotografados por Orlando Ribeiro, contrapondo décadas de distância com imagens atuais dos mesmos locais:

*Orlando Ribeiro fotografou exaustivamente o território português a partir de 1937. Durante quase cinco décadas, fixou, pela imagem, o solo e as construções que nos rodeiam. Em 1985, quando arruma a sua câmara fotográfica, Portugal já entrara num processo de mudança que se tornava cada vez mais célere. Em 2011 voltámos a uma grande viagem que fora iniciada em Portugal – o sabor da terra e continuada em Portugal Património. Seleccionámos um conjunto de fotografias do grande mestre da geografia e regressámos aos mesmos exatos locais das suas tomadas vistas. O que encontramos não eram apenas alterações, mais ou menos significativas, de aspetos das paisagens e das arquiteturas, mas um tempo civilizacional diferente. Estas fotografias dão-nos conta, com fascínio e inquietação, do poder avassalador do tempo e das imparáveis construções humanas, na modelação da identidade de um povo (Belo, 2010<sup>3</sup>).*

Sumariamente apresenta-se a figura multifacetada de Orlando Ribeiro, renovador da Geografia, através da pesquisa do seu espólio, da leitura de algumas das suas obras e da consulta de trabalhos realizados por investigadores em Geografia e em História. Escolhi como suporte para a Prática de Ensino Supervisionada a figura deste geógrafo por ser um elo indispensável no estudo da Geografia. A partir da “sua” Geografia, e dos seus percursos, marcados pelo valioso trabalho de campo em que anotou elementos físicos e humanos, podemos traçar um quadro geográfico interpretativo e aprender Geografia. Através do “olho” clínico do geógrafo, lemos a paisagem como um espaço observável, repleto de elementos visíveis e invisíveis que se entrecruzam criando espaços únicos. O trabalho de campo na disciplina de Geografia permite manter um contacto estreito com a realidade, com o campo.

---

<sup>2</sup> Duarte Belo, licenciado em Arquitetura pela Universidade Técnica de Lisboa, desenvolve trabalhos na área da fotografia relacionados com a paisagem e a arquitetura.

<sup>3</sup> Disponível em: [www.duartebelo.com/luz.html](http://www.duartebelo.com/luz.html). (consultado em janeiro de 2016).

*O contacto com a paisagem é o contacto com a realidade. Confinada às paredes da sala de aula, a Geografia é uma sombra empobrecida, como a Química sem experiências ou a Biologia sem recurso a espécimes tangíveis de plantas e animais* (Patmore,1980, citado por Claudino,1988:4).

O trabalho de campo que Orlando Ribeiro tanto privilegiou e aplicou, foi amplamente discutido por vários professores de Geografia como método fundamental para a formação dos alunos, pelo que foi criado um *dossier* sobre esta temática publicada na revista *Apogeo* da Associação de Professores de Geografia. Para mim foi de extrema importância a sua leitura uma vez que surgiram ao longo da minha experiência de ensino diversas dúvidas: o que significa trabalho de campo? Que técnicas utilizar? Como devo planificar? Qual o valor formativo da sua aplicação?

A abordagem teórica ao conceito de trabalho de campo aplicado à Geografia está presente em variadíssimos trabalhos, retratando experiências de ensino enquanto instrumento didático. Para chegar a afirmações sobre o objetivo didático do trabalho de campo, foi importante a leitura da obra do geógrafo francês Paul Claval, *História da Geografia*. Incide numa descrição sobre a evolução do pensamento geográfico desde a Antiguidade Clássica até à Geografia contemporânea e científica dos nossos dias. Destaca ainda a evolução do pensamento geográfico, onde entre outros geógrafos, Orlando Ribeiro é figura de referência na transição da Geografia Antiga para a Geografia Moderna no nosso país (Claval, 2006). Desde o surgimento da denominada Geografia Moderna, na Alemanha no século XIX, pelo naturalista Alexander Von Humboldt e o geógrafo Carl Ritter, a prática do trabalho de campo vem sendo valorizada e empregue até aos nossos dias.

## **Parte I: Reflexão teórica**

### **O trabalho de campo em Geografia tendo como referência Orlando Ribeiro**

#### **1.1 – Orlando Ribeiro: Historiador, Geógrafo e Humanista.**

Orlando da Cunha Ribeiro (1911-1997) foi professor, historiador e geógrafo de referência internacional, de quem tentarei fazer uma breve descrição sobre vida e obra, focando apenas os acontecimentos mais marcantes do seu percurso enquanto homem e geógrafo. Nasceu em Lisboa a 16 de fevereiro de 1911, altura em que o país vivia tempos conturbados da Primeira República com golpes militares, quedas sucessivas de governo que se agravariam com a participação na Primeira Guerra Mundial, em 1917. É ainda neste contexto histórico-temporal que passa a sua juventude sob um regime ditatorial que duraria quase cinco décadas. Não tendo uma infância exclusivamente lisboeta ou citadina, pois os seus pais eram naturais de Viseu, sentiu-se simultaneamente filho da grande capital e descendente dos camponeses e serranos da Beira Interior. Desta dualidade pode ter nascido o gosto pelo campo e o interesse pelo estudo das cidades.

Formou-se em História e Geografia em 1932 e doutorou-se em Geografia em 1936 na Universidade de Lisboa. Defendeu a sua dissertação de doutoramento em Geografia com uma monografia no âmbito da geomorfologia sobre uma serra nos arredores de Lisboa: *Arrábida, esboço geográfico*. Vem a ser professor universitário em Coimbra (1941/43) e em Lisboa (1943 até 1981). Entre Coimbra e Lisboa publicou cerca de 60 títulos, na sua maioria respeitantes a áreas e regiões de Portugal. Toda a década de 40 é dedicada a Portugal. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, obra escrita em 1945, será uma das obras básicas da cultura portuguesa.

A entrada na Faculdade de Letras de Lisboa deu-lhe uma certa liberdade de ação, criando em 1943 o Centro de Estudos Geográficos de Lisboa que liderou até 1974. Reuniu assim um grupo de investigadores, incluindo de outros ramos do saber, tais como, Ilídio do Amaral, Mariano Feio, Raquel Soeiro de Brito, entre outros. Orlando Ribeiro aprofundou conhecimentos não só no âmbito da Geografia Física, como também na Geografia Humana. A Geografia era então considerada uma ciência auxiliar da História onde só atingirá personalidade independente e universitária em 1957. Foi

por várias vezes responsável de missões de Geografia Física e Humana, organizadas pela Junta de Investigações de Ultramar (Guiné, Cabo Verde, Goa, Angola e Moçambique). Em 1949 organizou em Lisboa o XVI Congresso Internacional de Geografia e o sucesso do evento projeta-o a nível internacional, sendo nomeado Vice-Presidente da União Geográfica Internacional. A década de 60 foi o período de jubileu académico e de produção literária de Orlando Ribeiro. As suas obras são publicadas em várias línguas e em diversos locais da Europa e da América. Fundou com Ilídio Amaral e Suzanne Daveau (geógrafa francesa e sua esposa), a revista *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, que ainda hoje é publicada regularmente<sup>4</sup>.

Nos anos 70, fez parte da comissão instituída pelo Ministro da Educação Nacional, Veiga Simão, para a Reforma das Faculdades de Letras e para a aprovação da Primeira Lei de Bases do ensino que abrangeu a educação pré-escolar, os graus de ensino básico, secundário, superior e de formação profissional. Foi eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Accademia Nazionale dei Lincei em Roma. Foi Doutor *Honoris Causa* das Universidades do Rio de Janeiro, Bordéus, Coimbra, Madrid e Paris. Foi também grande oficial da *Ordem de Santiago da Espada* e Chevalier de la *Légion de Honneur*, em França.

Orlando Ribeiro publicou mais de 400 trabalhos científicos, e deve-se a Suzanne Daveau juntamente com o seu filho, o geólogo António Ribeiro, a divulgação e conservação das suas obras. Morreu em novembro de 1997. Em 2004 foi criado um sítio na *internet*, ([www.orlando-ribeiro.info](http://www.orlando-ribeiro.info)) onde está divulgado a maior parte do Espólio Científico de Orlando Ribeiro. Podemos consultar a totalidade do catálogo da Biblioteca Científica pessoal de Orlando Ribeiro e a informação bibliográfica.

## **1.2 – O Trabalho de Campo no ensino da Geografia**

A sociedade é um organismo em constante mutação e mudanças políticas, sociais, culturais e económicas afetam diretamente a produção de conhecimento científico, dando origem a novas teorias e novas formas de entender e compreender o mundo. A ciência geográfica também foi afetada por essas mudanças, havendo uma verdadeira revolução no seu modo de pensar. Nos dias de hoje, praticamente indissociável dos computadores e das novas tecnologias, os elementos do espaço

---

<sup>4</sup> O n.º 100 da revista *Finisterra* saiu em janeiro de 2016.

geográfico podem ser quantificados, através de dados, como registos censitários, mapas temáticos, cartas topográficas, fotografias aéreas, imagens de satélite etc., facilitando ao geógrafo o seu trabalho. Não podendo negligenciar outras opiniões, existem teorias que consideram totalmente dispensável a utilização do trabalho de campo no ensino da Geografia, teoria da qual eu não partilho.

*Numa outra visão geográfica, podemos ter uma visão de pesquisa de campo como desnecessária, pois a leitura do mundo pode ser feita a partir das representações do mundo, a exemplo dos mapas, das cartas e, mais recentemente das imagens de satélite (Suertegaray, 2002:67).*

Segundo a mesma autora e de acordo com Lima (1982), a utilização das novas tecnologias, principalmente os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), que deveriam ser ferramentas complementares e de suporte à pesquisa, tornaram-se instrumentos fundamentais e imprescindíveis, possibilitando a investigação geográfica mecanicista. Contudo, a Geografia e os geógrafos têm consciência que não se deve cair no exagero, ou seja, nem tudo pode ser analisado apenas fazendo trabalho de gabinete; é necessário e indispensável o uso destes materiais, métodos e técnicas, mas é necessário também aplicar e valorizar o trabalho de campo no seu método tradicionalista para a construção de conhecimento científico e geográfico.

Para estudar as paisagens, compreender e explicar os diferentes espaços, os geógrafos, sempre que possível, recorrem à investigação utilizando trabalho de campo, procedendo à observação direta – *in loco* – com a finalidade de observar, encontrar respostas para as suas dúvidas e formular novas questões. Trata-se de um trabalho muitas vezes empírico, uma vez que o investigador utiliza a observação e a recolha de dados para a construção de conhecimento através do contacto com a realidade observada. Este método foi importante como condição para a compreensão teórica no séc. XIX, uma época em que triunfaram as filosofias da natureza; Alexander Von Humboldt é considerado um dos maiores naturalistas mundiais e um grande observador da natureza (Claval, 2006). Utilizou um método que denominou de empirismo racional, em que valoriza a intuição; a partir da observação das paisagens, desenvolvendo uma Geografia naturalista, inteiramente baseada no trabalho de campo. Enquanto muitos geógrafos do seu tempo permaneceram homens de gabinete, Von Humboldt centrou a sua pesquisa no trabalho de campo. Os seus conhecimentos de Mineralogia, Geologia e

Botânica, permitiram-lhe desvendar traços interessantes das paisagens e relacioná-los. Em vez de contrapor informações procura antes compreender como os fenómenos se condicionam. Humboldt introduz na Geografia o conceito de Meio. Apesar de ser considerado um geógrafo de gabinete, Carl Ritter foi também um importante observador da natureza, estudou e observou a diversidade dos lugares e os povos que os habitavam, desenvolveu a Geografia Regional com ênfase no elemento humano e a sua relação com o meio (Claval, 2006). A obra destes dois grandes pioneiros da Geografia moderna envelheceu, mas é graças a eles que a disciplina de Geografia alcançou a sua ambição explicativa, deixando de ser simplesmente a descrição da diversidade terrestre para passar a compreender também o espaço e o progresso humano. A Geografia que praticam sistematiza o estudo das relações que os homens tecem com o meio com o qual interagem, e neste sentido, a Geografia é entendida como uma ciência natural.

O trabalho de campo é gerador de conhecimento geográfico, pois representa o espaço onde se recolheram as informações para a elaboração de conhecimento científico teórico, bem como o lugar onde as teorias são testadas. Considerado e valorizado como um instrumento importante para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, o trabalho de campo faz com que o processo de observação se revista de real significado para o geógrafo, ou seja, é através da investigação e observação que se tenta compreender e interpretar a realidade que o rodeia.

*Os trabalhos de campo e a observação sempre tiveram destaque na Geografia e é de fundamental importância que o geógrafo desenvolva a capacidade de observação de campo. Para isto, é preciso, treinar os sentidos a fim de se poder ver em detalhes a realidade observada (David, 2002:19).*

Para o autor citado, tal como para o professor Orlando Ribeiro, o principal instrumento ao observar as paisagens ainda é o “olho” do geógrafo. Para observar uma paisagem é preciso selecionar e estruturar aquilo que se pretende interpretar, uma vez que duas ou mais pessoas ao observarem o mesmo objeto ou a mesma paisagem podem fazer interpretações diferentes, em função do conhecimento pré adquirido/vivido de cada um. Os instrumentos para a recolha de informação no trabalho de campo em Geografia devem ser práticos, tal como o esboço/desenho e mapas, muito utilizados por Orlando Ribeiro.

A função mais importante do trabalho de campo é transformar as palavras mortas em experiências vivas, fazendo ver aos alunos as realidades que descrevem as

palavras. No geral os alunos não têm uma ideia clara do que significam as palavras, limitam-se a apreendê-las e a memorizá-las aplicando-as depois no momento exato (Bailey, 1981).

Segundo Alexandre & Diogo (1990), uma prática pedagógica baseada em conhecimentos puramente livrescos, resulta sempre pobre e excessivamente esquemática. Esta afirmação é verdadeira para qualquer disciplina científica nomeadamente para a Geografia. A melhor maneira de aprender os conceitos da ciência geográfica é sair para o campo com um bloco de notas, alguns mapas e registar através de esboços, de diagramas ou palavras, tudo quanto se observa (Alexandre & Diogo, 1990). Por este motivo o trabalho de campo apresenta-se como uma ferramenta pedagógica muito útil, motivadora e eficaz para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

Todo o estudo da Geografia começa pela observação da paisagem. O seu conhecimento e a sua compreensão originam a construção de modelos conceptualizados dos espaços observados.

O método de estudo mais considerado da Geografia consiste na observação, recolha e tratamento da informação, levantar e testar hipóteses, elaborar conclusões e apresentar os resultados.

Como método de ensino-aprendizagem essencial na Educação Geográfica, promove-se também o trabalho de grupo, a discussão de ideias com a apresentação oral, visual e escrita. Trabalhar com os alunos dentro e fora da sala de aula contribui para uma cidadania mais participativa e consciente. Segundo diretrizes do Manual da Unesco para o Ensino da Geografia, a Geografia entre todas as disciplinas escolares, pela sua própria essência, pode contribuir mais naturalmente para a formação cívica dos jovens alunos, cria e estimula a simpatia dos alunos pelos outros povos do mundo, dá a conhecer como viveram e vivem, qual a contribuição de cada um para o património comum da humanidade (Sporck & Tullipe, 1978).

É importante dotar os alunos de técnicas de observação que lhes possibilitem, no futuro, caminhar para níveis de abstração mais elevados. O trabalho de campo tem grandes vantagens no seu interesse metodológico, na motivação da aprendizagem, atitudes e valores que desenvolvem (Alexandre & Diogo, 1990).

Salientando ainda que esta metodologia pode servir para os alunos desenvolverem novas indagações na sala de aula, em conjunto com outras competências



e valores, tais como o gosto pela aprendizagem da disciplina de Geografia, o trabalho cooperativo, uma maior aproximação entre os alunos e o reforço da relação professor-aluno.

A Geografia deve ser ensinada na observação, assim:

*O estudo dos fenómenos geográficos deve ser feito, tanto quanto possível, no campo, devendo o professor guiar os alunos no conhecimento do lugar onde se ministra o ensino, (...) A Geografia aprende-se, como tudo, nos livros, também nos mapas, imagens e fotografias, e no campo, em excursões: aprende-se até olhando, pela sala de aula, o tempo que faz e o tempo que muda (Ribeiro, 2012:15) .*

O trabalho de campo é uma ferramenta didática que tem como objetivo dinamizar o ensino-aprendizagem das aulas de Geografia, através da cumplicidade entre a teoria e a prática. É entendido como uma atividade de exploração; é por isso muito bem aceite pelos alunos, uma vez que lhes dá a possibilidade de sair da rotina escolar da sala de aula. Não pode por si só, ser apenas a oportunidade de romper com a rotina quotidiana da sala de aula, vai além da vantagem de experimentar e interagir com o meio, representar um dia diferente fora da escola, mas deve ser visto como motivação de aprendizagem para os alunos. Requer da parte do professor um desenvolvimento processual, tal como, planificar, executar, analisar e fazer um relatório final. O professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que irá ser desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais se desenvolvem as tarefas, isto é necessário para se evitar apenas o “fazer pelo fazer” (Callai, 1988).

A discussão do tema em sala de aula irá nortear o trabalho no campo; cabe ao professor incentivar os alunos a levantar hipóteses e problemas a serem comprovados e discutidos em campo. O próprio espaço onde o aluno vive, o seu bairro, a sua cidade, representa um cenário interessantíssimo para a análise em trabalho de campo, pois permite-lhe observar a paisagem urbana e identificar as suas transformações e a sua dinâmica.

Os conteúdos da Geografia tendem a valorizar as paisagens e os fenómenos distantes da realidade que os alunos conhecem, por isso o grande desafio é tornar as coisas mais concretas, mais simples e mais reais. O estudo das paisagens, dos lugares, dos espaços urbanos, da degradação ambiental, chegam normalmente aos alunos através de imagens e de gravuras do manual da disciplina, e na falta destes, o professor tende a

fazer uma referência ao assunto deixando o aluno construir mentalmente o significado de algo objetivo, o aluno irá recriar o objeto em estudo conforme a sua visão e experiência do mundo. É neste momento que a introdução da prática do trabalho de campo pode auxiliar como um recurso complementar no processo de construção de conhecimento do aluno. Enquanto recurso metodológico, o trabalho de campo é o momento em que os alunos podem observar tudo o que foi discutido em sala de aula, onde a teoria pode ser percebida na realidade. O contacto com a realidade poderá dar ao aluno uma nova perspetiva dos assuntos tratados nas aulas, e se bem planeado e orientado, poderá servir para estimular e articular o estudo de conteúdos programáticos com outras disciplinas. Para melhor compreensão de certos conteúdos, os professores sentem muitas vezes que as suas aulas poderiam prolongar-se para além do espaço da sala de aula.

Segundo Bailey (1981), o trabalho de campo é um método de ensino que não se pode confundir com um trabalho de investigação. Com efeito, no trabalho de campo didático, os alunos só descobrem o que os seus professores já sabem. Não se trata de fazer investigação, mas sim aprender ideias de forma direta e previamente planificada.

Apesar de muitos professores de Geografia considerarem o trabalho de campo uma estratégia de ensino-aprendizagem fundamental para a disciplina, muitos apontam dificuldades na sua implementação tais como:

- Organização dos programas
- Limitações de tempo para levar a cabo o trabalho a realizar
- Dificuldades financeiras.

### **1.3 – Orientações para a realização de trabalho de campo**

Não parecendo haver uma norma ou regras específicas para a realização do trabalho de campo, existem princípios gerais referidos anteriormente, que podem ser seguidos para que haja sucesso no ensino-aprendizagem, podendo ajudar numa boa planificação. Observemos um exemplo de guia metodológico de preparação para o trabalho de campo da disciplina de Geografia, um artigo da Revista do Departamento de Geociências, Londrina, escrito por Antónia Rodrigues e Cláudia Otaviano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde se consideram os seguintes momentos:

a) Definir objetivos: Devem ser traçados os objetivos que se pretendem alcançar, planejar e analisar relacionados com os temas que irão ser tratados na saída de campo. Como suporte para a aprendizagem a realizar pelos alunos, o quadro 1, sugere alguns objetivos gerais e específicos que incidem no domínio cognitivo, das capacidades e dos valores. De acordo com Rodrigues & Otaviano (1999), os objetivos devem atender ao nível de ensino, à faixa etária, aos interesses e possibilidades dos alunos, sendo neste caso, vivenciada com os alunos do ensino secundário (10.º e 11.º ano).

**Quadro 1** – Orientação para a realização do trabalho de campo (Rodrigues & Otaviano, 1999: 38)

<b>Domínio cognitivo</b>	<b>Domínio das Competências</b>	<b>Domínio de valores e atitudes</b>
- Adquirir e consolidar conhecimentos específicos	- Aperfeiçoar a capacidade de observação	- Desenvolver o gosto pelo estudo e investigação pessoal
- Despertar consciência do espaço vivido e construído	- Adquirir técnicas de recolha e organização de diferentes tipos de informação	- Desenvolver a criatividade e a sensibilidade estética
- Despertar o espírito artístico e investigador	- Realizar trabalhos simples de pesquisa individual e em grupo	- Cooperar na realização de trabalho em equipa
	- Melhorar a expressão escrita	- Desenvolver a capacidade de preservação do ambiente
	- Melhorar técnicas de expressão cartográfica e de pesquisa	- Desenvolver a sociabilidade
	- Elaborar sínteses escritas a partir da informação recolhida	- Interesse pela preservação do património cultural e ambiental
		- Aprender a valorizar a identidade cultural do lugar, região e país

O trabalho de campo, sendo uma visita de “descoberta”, tem sempre um carácter formativo, incentiva o relacionamento aluno-aluno e aluno-professor, proporciona um aprofundamento de conteúdos programáticos adquiridos relacionados com a investigação no local, pode ajudar na progressão e no desenvolvimento de hábitos e métodos de trabalho assim como no enriquecimento do carácter e da personalidade dos alunos.

b) Motivação: É necessária uma boa motivação, os alunos devem ser bem informados dos objetivos do trabalho e de como vão decorrer as atividades de preparação, de análise e dos resultados da investigação. Entre as várias motivações possíveis podemos indicar mapas, textos, projeção de imagens ou vídeos sobre o assunto da visita.

c) Escolha do local: Este será o objeto de estudo do trabalho de campo. É indispensável que o professor faça uma ida prévia ao local, faça um levantamento antecipado. É necessário que conheça determinados pormenores e aspetos do lugar a ser estudado e investigado pelos alunos, para minimizar entraves ao bom desempenho da atividade. Deve ser fornecida aos alunos informação sobre o assunto e o local, tais como mapas hipsométricos, mapas da rede viária, plantas, imagens, reportagens etc. Depois de saber exatamente a área de estudo a visitar e de dispor de todos os meios para a sua realização, o professor deve informar a direção da escola, enviar comunicado aos pais sobre o dia, hora e objetivo da visita.

d) Calendarização: A saída de uma turma na realização de uma visita de estudo ou na investigação em campo encontra-se normalmente agendada no Plano Anual de Atividades da escola. Por norma, o professor pretende que a saída para a realização do trabalho de campo coincida com o momento do estudo de um determinado tema, deve começar a prepará-la com a máxima antecedência. Não obstante, o professor encontra-se sujeito a processos burocráticos necessitando nomeadamente de:

- Autorização do Departamento em que está integrado assim como da Direção Escolar.
- Efetuar pedido para a realização da visita através do envio de ofícios, contacto telefónico, fax e correio eletrónico.
- Se a deslocação para o trabalho de campo requer contrato de transporte, verba para custear diárias e hotéis, a autorização mesmo sendo da própria escola, pode ser demorada.
- São necessários tempos de aulas para a preparação do trabalho de campo propriamente dito, assim como para a análise do trabalho realizado e a sua avaliação.

e) Recursos materiais: Cabe ao professor fornecer aos alunos informações através de cópias, textos complementares sobre o tema a abordar, mapas ou cartas do local a estudar, elaborar um programa/guião onde está indicado o dia, a hora, o local de partida, o itinerário, duração do trabalho de campo e o material que o aluno deve levar. Se os alunos possuírem máquinas fotográficas ou outros instrumentos que permitam filmar e fotografar, serão ferramentas úteis para a ilustração e análise do local que foi observado.

f) Análise dos dados: Este é o momento de consolidar os conhecimentos adquiridos e de fazer um balanço do trabalho de campo. A análise do trabalho realizado requer alguns tempos de aulas (uma a duas), de preferência logo a aula seguinte, onde as experiências vividas ainda estão muito presentes na memória dos alunos. Uma das formas de testar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, é aplicar um questionário sobre o tema estudado; outro processo será a distribuição dos alunos em grupos (máximo 4 elementos) onde apresentam os resultados do seu trabalho, as anotações que fizeram, o material que tenham eventualmente recolhido (amostra de rochas, postais, folhetos, desenhos), fotografias que tiraram ou filmes que realizaram e assim discutir as conclusões a que chegaram.

Ao professor cabe a tarefa de fornecer as informações complementares necessárias, e ajudar os alunos a extrair do seu trabalho conhecimentos e conceitos organizados. É também aconselhável uma autoavaliação do professor e uma reflexão em comum com os alunos, a fim de concluir se os procedimentos utilizados foram os melhores ou se necessita modificar estratégias a aplicar. Os materiais distribuídos foram suficientes? Quais os aspetos mais positivos e mais negativos?

Em suma, o trabalho de campo é o prolongamento das aulas; destina-se a motivar o estudo de um tema (função da motivação), a estudá-lo através dos elementos observados (função de informação) ou completar o estudo desse tema (função de síntese) (Rodrigues & Otaviano, 1999).

## **Parte II: Prática de Ensino Supervisionada em Geografia**

### **2.1. Considerações gerais sobre a PES em Geografia**

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Geografia teve lugar na Escola Básica e Secundária Passos Manuel, sede de Agrupamento Vertical de Escolas Baixa-Chiado, em Lisboa e decorreu sob a orientação da professora Maria Isilda Medroa.

Coube num primeiro momento assistir às aulas de Geografia A da orientadora cooperante, durante todo o mês de outubro de 2014 e proceder ao planeamento das atividades de lecionação que iriam decorrer no início no mês de novembro de 2014 e janeiro de 2015. Lecionou-se em três turmas do Ensino Secundário: o 10.º C do Ensino Secundário do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades e 10.º F do Ensino Secundário do Curso Profissional de Hotelaria e Turismo - técnico de Turismo e o 11.º C do Ensino Secundário do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades.

O trabalho que a professora orientadora desenvolveu connosco foi imprescindível para o desenrolar da PES, pois permitiu uma proximidade aos alunos, o desenvolvimento e a criatividade de ideias a por em prática e tomar o conhecimento dos conteúdos a lecionar.

Nesta prática as aulas e atividades desenvolvidas foram planificadas de acordo com os programas da disciplina, tendo como objetivo motivar os alunos para o processo de ensino-aprendizagem e dar resposta às questões orientadoras do trabalho:

- a) Proporcionar aprendizagem com base na observação direta fora da sala de aula, se possível saindo do espaço escolar.
- b) Permitir aos alunos contacto direto com materiais/recursos atuais tanto quanto possível próximos dos alunos.
- c) Analisar, de forma comparativa, conteúdos do programa de Geografia tendo por base, entre outros, textos e imagens de Orlando Ribeiro.
- d) Proporcionar aos alunos o conhecimento do espaço onde estão inseridos.

Através de uma planificação adequada da aula, o professor proporciona situações educativas aos alunos, evitando confusão na sala de aula, uma errada utilização de recursos e perdas de tempo, melhorando todo o processo de ensino-

aprendizagem e o próprio desempenho do professor. “Uma estratégia justifica-se sempre no plano da concepção, pela resposta às questões: como vou organizar a ação e porquê, tendo em conta o para quê e o para quem?” (Roldão, 2010: 29). A planificação é um processo através do qual os professores aplicam e põem em prática os programas escolares, cumprindo sempre a importante função de os desenvolver e adaptar às características das escolas e das turmas. Assim, o professor aquando da definição dos objetivos da aula deve ter em conta o público-alvo, ou seja, o ano e nível dos alunos, mas também as finalidades que quer alcançar com os objetivos.

Na PES houve sempre o cuidado de estimular o entusiasmo e o interesse pela Geografia de modo a proporcionar aos alunos confiança e autonomia para se envolverem com os conteúdos, possibilitando o aprofundamento do seu conhecimento. Ao longo da PES foram lecionadas 22 aulas repartidas por três turmas, tendo elaborado atividades diversificadas como se pode verificar no quadro 2.

**Quadro 2** - Conteúdos e atividades realizadas na Prática de Ensino Supervisionada em Geografia nas turmas do 10.º C, 11.º C e 10.º F

Turmas/ Módulos	Conteúdos	Atividades
<b>10.º C Módulo 1</b> A população utilizadora organizadora de espaços Unidade 2: A distribuição da população	Repartição da população portuguesa  Relacionar a desigualdade da distribuição espacial da população com fatores físicos e humanos Densidade populacional  O ordenamento do território e os seus principais instrumentos - PDM.	Visionamento do vídeo: <i>25 Anos de Portugal europeu – cidades e povoamento</i> , tvi (5:24 min) Realização de ficha de trabalho tendo por base reportório fotográfico do professor Orlando Ribeiro e do arquiteto Duarte Belo. Realização de exercícios com recurso a fichas TIG com consulta dos sítios da <i>internet</i> da PORDATA e do INE Observação e análise do PDM da cidade de Lisboa.
	Projeto “Nós propomos!”  Multifuncionalidade do espaço rural Turismo no espaço rural Modalidades de turismo  Atividades turísticas no espaço rural Sustentabilidade do turismo  Valorização das áreas rurais tendo em conta o desenvolvimento sustentável das mesmas  LEADER (ligações entre ações de desenvolvimento da economia rural)	Guião de visita de estudo, percurso em volta da escola. Trabalho de campo, estudo de caso, levantamento de situações problema.  <i>PowerPoint – Novas oportunidades para as áreas rurais</i> (texto editora)  Visionamento do documentário: <i>Exaltação da natureza no parque de natureza de Noudar</i> (11:22 min) Realização de guião de exploração do vídeo.  <i>PowerPoint: “Produtos agrícolas de qualidade”</i> (Porto editora)  Observação direta de produtos de Denominação de Origem Protegida (DOP) Realização de trabalho de grupo. Estudo de caso: Aldeias fantasma em Portugal – “ <i>Aldeia Velha de Azevo</i> ” Visionamento de vídeo, (8min) Trabalho de grupo, análise SWOT Visionamento do vídeo: <i>Ignite-Ana Linhares- Novos povoadores</i> mp4 (5:20 min) Realização de ficha formativa
<b>10.º F - Módulo B2</b> O Quadro Natural de Portugal – O Clima B2.1 - As características climáticas de Portugal Continental	Zonas climáticas  Características do clima de Portugal continental e dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores  Fatores que diferenciam o clima de Portugal  Classificar os tipos de clima do território português	Observação do globo terrestre na sala de aula Realização de fichas de trabalho a pares  Pesquisa de dados do sítio do Instituto Português do Mar e da Atmosfera- IPMA  Construção de gráficos Termopluviométricos  Realização de trabalho de grupo, elaboração de trabalho em PowerPoint



## **2.2 - Enquadramento e caracterização da Escola Básica e Secundária Passos Manuel**

A Escola Básica e Secundária de Passos Manuel localiza-se em pleno “coração” de Lisboa, na designada Baixa Lisboeta, uma área histórica e turística da cidade.

A sua fundação remonta ao século XIX, por Decreto-lei de 17 de novembro de 1836 pelo Ministro do Reino à época Manuel da Silva Passos mais conhecido por Passos Manuel, que determinou a lecionação de *Breves Noções de História, Geografia e Constituição* no ensino liceal (Claval, 2006). O então magnífico edifício escolar foi inaugurado em 1911, tendo sido dada a primeira aula a 9 de janeiro. Esta data ficou assinalada como o *Dia da Escola*, aberto a toda a comunidade e comemorado com diversas atividades culturais pelos alunos, pessoal docente e não docente.

A população residente nesta área da cidade de Lisboa é, em geral, envelhecida e a população em idade ativa confronta-se com problemas de emprego precário e desemprego, pelo que, a maioria dos alunos do agrupamento pertence a estratos económico-sociais carenciados, estando muitos deles referenciados por Instituições de Solidariedade Social. Nesta área foram identificados pelas autoridades policiais problemas de criminalidade e de marginalidade, e a escola foi considerada de intervenção prioritária pelo Instituto da Droga e Toxicodependência. Neste contexto, o agrupamento está integrado no Programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) desde 1996 que tem como meta combater o abandono escolar, o absentismo, a indisciplina e a precária intervenção e participação das famílias e encarregados de educação.

O Agrupamento Vertical de Escolas de Baixa-Chiado, da qual a Escola Passos Manuel é sede de agrupamento, integra crianças e jovens, provenientes de grande diversidade étnica e cultural. Sendo esta Escola uma instituição de referência na História da Educação em Portugal, proporciona uma oferta educativa no ensino regular do 5.º ao 12.º ano de escolaridade, no ensino vocacional, Curso de Educação e Formação (CEF) em Práticas Comerciais, Cursos Profissionais de Programação e Gestão de Sistemas Informáticos, de Artes do Espetáculo e Curso de Hotelaria e Turismo. O agrupamento é também Escola-Pólo de oferta em ensino do Português para falantes de língua estrangeira, disponibilizando o curso de “Português para Todos”.

O edifício escolar foi classificado Património Histórico pelo IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico), em 2003, tendo sido submetido a obras de requalificação no âmbito do Projeto Parque Escolar. Em 2010 a Escola Básica e Secundária Passos Manuel foi distinguida com o prémio Escolas-Modelo OCDE – *Centre for Effective Learning Environments (CELE)*. Em suma, é uma escola caracterizada por uma enorme heterogeneidade cultural e social que promove a cooperação, a solidariedade, o respeito pela diferença, a diversidade cultural e a inclusão, assim como a participação, a responsabilidade e o rigor, princípios defendidos e trabalhados pelo Projeto educativo do Agrupamento.

## **2.3 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia A – 11.º C**

A turma do 11.º C do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades era composta por 29 alunos, sendo 17 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com uma média de idades de 17 anos.

No geral os alunos tinham um aproveitamento escolar de nível médio mas apresentando vários problemas, nomeadamente, falta de concentração e atenção, pontualidade e assiduidade e hábitos de trabalho.

A professora Isilda Medroa desempenha funções de Direção de Turma, tendo com os alunos uma relação de diálogo e de proximidade, pelo que geriu com sucesso as poucas situações de indisciplina.

Os pais apresentam na sua maioria habilitações académicas, no Ensino Secundário, alguns com Licenciatura e um com Mestrado. São participativos, acompanhando o desempenho escolar dos seus filhos e estabelecem boa relação com a comunidade escolar.

Na turma ingressaram vários alunos de nacionalidade estrangeira, um do Nepal, com dificuldades na compreensão oral e escrita da língua não materna, dois alunos de Angola, um do Brasil e um de Cabo Verde. Do conjunto dos alunos da turma, oito estão a frequentar o 11.º ano pela segunda vez.

Durante a primeira reunião semanal de preparação de aulas do núcleo de estágio, a professora cooperante informou que a turma do 11.º C estava inscrita num projeto na sequência do tema Problemas Urbanos – As questões urbanísticas e ambientais, tendo

participado no *Projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica*<sup>5</sup>. De acordo com dois dos objetivos que se pretende alcançar com este trabalho, como proporcionar aprendizagem com base na observação direta e realizar trabalho de campo, se possível saindo do espaço escolar e proporcionar aos alunos o conhecimento do espaço onde estão inseridos, este projeto era o indicado para conseguir atingi-los. A Geografia é importante na formação e na informação dos futuros cidadãos, os alunos do ensino secundário têm a aptidão de desenvolver competências geográficas de observação, de descrever e interpretar situações geográficas, identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico e participar, através da procura e da apresentação de soluções fundamentadas, na resolução de problemas espaciais. Com este projeto os alunos vão ter a possibilidade de tomar consciência da sua envolvente e deste modo poder atuar sobre o meio.

O Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT), em colaboração com a Esri Portugal<sup>6</sup>, promoveu pelo quinto ano consecutivo este Projeto cuja a finalidade era promover uma efetiva cidadania territorial local, numa perspetiva de governança e sustentabilidade. Constitui um grande projeto nacional no âmbito da disciplina de Geografia e mobiliza escolas de todo o país. O Projeto destina-se prioritariamente a professores e alunos de Geografia A, do 11º ano, de Portugal. Tem como objetivo a implementação do *Estudo de Caso*, incentivado pela autarquia da cidade e o respetivo Plano Diretor Municipal (PDM),<sup>7</sup> onde se localiza a comunidade escolar. De acordo com o Programa de Geografia A

*(...) Poderá ser um estudo detalhado de um assunto relacionado com qualquer dos temas do programa, com importância na região onde o aluno vive ou consistir na aplicação dos conhecimentos adquiridos e das competências desenvolvidas ao longo dos dois anos de aprendizagem deste programa.*  
(Ministério da Educação, 2001:57)

---

<sup>5</sup> IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, disponível em, [http://www.igot.ulisboa.pt/portal/page?\\_pageid=407,1760132&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://www.igot.ulisboa.pt/portal/page?_pageid=407,1760132&_dad=portal&_schema=PORTAL) (consultado em fevereiro de 2016).

<sup>6</sup> Esri Portugal - Sistemas e Informação Geográfica, S.A. é uma empresa portuguesa, fundada em 1987, com o propósito de atuar como agente especializado no desenvolvimento e fornecimento de sistemas de informação baseados na tecnologia de Sistemas de Informação Geográfica (SIG). Disponível em <http://www.esriportugal.pt/Sobre-a-Esri-Portugal> (consultado em fevereiro de 2016).

<sup>7</sup> PDM- documento de planeamento estratégico e normativo que consagra as linhas de desenvolvimento urbanístico do município (...). Modelo de cidade que se pretende para Lisboa, estratégias e objetivos urbanísticos a concretizar nos próximos 10 anos. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal> (consultado em fevereiro de 2016).

O *Estudo de Caso* potencia a pesquisa recorrendo ao trabalho de campo na área de residência dos alunos. Os Planos Diretores Municipais são instrumentos fundamentais na definição das políticas territoriais locais, que têm como objetivo sensibilizar a população para ser mais participativa e estabelecer, juntamente com a autarquia, a sua discussão.

Sensibiliza os alunos para os problemas territoriais locais, motivando-os para a elaboração e apresentação de propostas de intervenção para a melhoria do espaço urbano e ambiental onde estão inseridos. Como pusemos em prática esta missão?



**Figura 1-** Planificação para a realização do trabalho de campo no Projeto Nós Propomos!

O primeiro momento com a turma do 11.º C foi a apresentação conjunta, com a professora cooperante, do projeto de trabalho a realizar com os alunos e os objetivos a atingir. Este momento foi importante porque permitiu um contacto mais próximo com os alunos e um diálogo dinâmico entre professor-aluno, onde foi possível questionar os alunos sobre Orlando Ribeiro. A professora estagiária explicou quem foi o geógrafo Orlando Ribeiro, um homem que dedicou o seu trabalho ao ensino e investigação em Geografia, considerado um renovador desta ciência e o geógrafo português com mais ampla projeção a nível internacional. Foram também apresentados aos alunos os objetivos da aula seguinte.

Na preparação da visita definiram-se os objetivos. Ao planificar a visita, a professora estagiária em colaboração com a professora cooperante definiram os

objetivos de carácter geral e específico, escolheram o local para realizar a aula (fora da sala de aula) e organizaram o guião dos alunos. O local escolhido foi a área envolvente da escola.

A área geográfica que envolve a escola Passos Manuel apresenta graves problemas de degradação quer a nível urbanístico quer a nível ambiental, suportando uma grande intensidade de tráfego automóvel. Com base nestes pontos de referência, a professora estagiária e a professora cooperante planearam e assinalaram um percurso em volta da escola para o levantamento de questões/problema, como motivação e primeira abordagem ao trabalho de campo que posteriormente foi realizado para o projeto. Procedemos à elaboração de um guião com a finalidade de ajudar os alunos a observar o espaço que os rodeia, onde passam diariamente, a identificar, descobrir e a construir o seu próprio conhecimento sobre a área em estudo. Formaram grupos de 4 elementos no máximo, munidos do respetivo guião de levantamento da área a observar. O guião requereu uma apresentação visualmente atraente tanto na ilustração como no próprio texto, compreendendo ainda os seguintes aspetos (anexo I):

- a) Roteiro de observação -Toda a Geografia começa com a observação.
- b) Caráter lúdico para captar a atenção dos alunos e criar uma maior motivação para o trabalho.
- c) Mapa com o itinerário da visita onde estão assinaladas as diversas paragens.
- d) Objetivos da visita previamente definidos.
- e) Sugestões de trabalho (esboços, fotos, desenho, descrições).

Utilizaram materiais como: lápis de carvão e cores e máquina fotográfica.

A visita de estudo decorreu à volta da escola durante a aula de dois tempos (50+50 min), efetuou-se o trajeto pedonal delineado na figura 2, sem a necessidade de verbas. Elaborou-se o documento informativo para os encarregados de educação (anexo II) com o propósito da visita e o protocolo a ativação do seguro escolar (anexo II e III).



**Figura 2** - Percurso à volta da escola no âmbito do Projeto Nós Propomos!

Na observação “*in loco*” no seu trabalho de campo, ao longo do percurso, os alunos mostraram-se empenhados e atentos. Durante a caminhada, as conversas eram sobre o aspeto dos edifícios, das estradas, dos passeios, da degradação dos jardins e outros. Os alunos iam assinalando muitos pormenores relevantes, tirando fotografias e propondo em simultâneo as melhorias para determinada rua, ou para um edifício (figuras 3 e 4).



**Figura 3** - Percurso pedonal em volta da escola, fotografias tiradas e cedidas pela professora Isilda Medroa.



**Figura 4** - Observação de problemas urbanos, fotografias tiradas e cedidas pela professora Isilda Medroa.

Pretendeu-se com a saída à volta da escola que fosse uma visita de descoberta, aqui os alunos têm o papel principal e mais ativo. São orientados por um guião, com informação necessária, e assim, avançam no local a visitar. Neste tipo de visita, o aluno assume um papel muito ativo, tornando-a mais interessante e motivadora. Os professores são elementos disponíveis, a quem os alunos recorrem para tirar dúvidas e pedir esclarecimentos. Acompanhando os alunos, podem fornecer informações complementares e colocar questões que estimulem os alunos nas suas observações e registos (Almeida, 1988).



No fim os alunos entregaram os guiões com os problemas identificados. A professora estagiária levou para casa os guiões, analisou-os reunindo uma síntese dos problemas levantados. Na aula seguinte procedeu-se à sua projeção e discussão (anexo IV).

Terminada a visita os objetivos foram alcançados plenamente. Esta aula foi profícua na medida em que os alunos tomaram consciência dos problemas urbanísticos que envolvem a escola, foram sensibilizados para estes problemas e estimulou e desenvolveu a sua observação. De destacar a forma cívica e ordeira como os alunos se comportaram ao longo de toda a visita, num clima de agradável convívio entre alunos/alunos e alunos/professora.

O *Projeto Nós Propomos* está planificado para ser elaborado durante um ano letivo. Acompanhámos os alunos no primeiro período onde foi possível auxiliar o seu trabalho. O projeto prosseguiu e os alunos continuaram empenhados e a trabalhar tendo ganho o concurso para o logotipo do Projeto de 2014/2015, onde aplicaram muita criatividade e dedicação como mostra a figura 5.

A professora estagiária não acompanhou o desenrolar de toda a atividade que o projeto envolveu da forma que desejava, mas ficou bastante orgulhosa dos alunos do 11.º C por todo o trabalho desenvolvido aos quais deixou um enorme PARABÉNS.



**Figura 5** - Logótipo vencedor do Projeto Nós Propomos! (2014/2015)  
Realizado pelos alunos do 11.º C, Escola Básica e Secundária Passos  
Manuel

O Projeto “Nós Propomos!” é feito de dificuldades numa educação geográfica, de facto, pouco comprometida com a cidadania local. Contudo, o Projeto demonstra que é possível praticar uma educação geográfica virada para a resolução dos problemas da comunidade (...). Este Projeto é de um inegável valor educativo, de que alunos e

professores têm dado testemunho, e demonstra que é possível a mudança no ensino de Geografia (Roxo *et al.*, 2015:419).

Ainda com a turma do 11.º C a prática de ensino decorreu com a leção dos conteúdos do Módulo III: Espaços Organizados pela População; Unidade 1 - As Áreas Rurais em Mudança; subunidade - As Novas Oportunidades para as Áreas Rurais (anexo V), durante o mês de novembro (10 a 19) de 2014. A metodologia aplicada nesta unidade curricular teve como objetivos:

- a) Captar o interesse dos alunos pelos temas e pelos conteúdos.
- b) Promover a interação entre aluno/aluno e aluno/professor.
- c) Permitir aos alunos perceber a importância crescente que o desenvolvimento rural tem vindo a assumir ajudando a enfrentar os desafios económicos, sociais e ambientais do nosso país.
- d) Observar a diversidade das características e potencialidades das áreas rurais portuguesas.
- e) Saber quais os recursos naturais e humanos que podem contribuir para o seu desenvolvimento.
- d) Conhecer os produtos regionais de qualidade.
- f) Saber que a União Europeia criou sistemas de proteção e de valorização de produtos agroalimentares (1992).

Uma vez que Orlando Ribeiro privilegiou a observação direta e sendo uma mais-valia no processo ensino-aprendizagem, a professora estagiária planeou para a aula de dois tempos (50+50 min) (anexo VI), a análise de Produtos Agrícolas de Qualidade com recurso a ficha formativa e à observação direta de alguns produtos de Denominação de Origem Protegida (DOP).

No primeiro tempo da aula (50 min) estabeleceu um diálogo com os alunos para perceber o que sabiam sobre o tema, que assuntos neste âmbito lhes suscitavam mais curiosidade e interesse. Após o *feedback* dos alunos, com recurso ao visionamento de *PowerPoint* (anexo VII) foi feita a introdução ao trabalho dando a conhecer aos alunos os produtos agroalimentares caracterizados por Denominação de Origem Protegida



**Figura 6** - Produtos Agrícolas de Qualidade



(DOP), Indicação Geográfica Protegida (IGT), Especialidade Tradicional Garantida (ETG).

No segundo momento de aula (50 min), o trabalho dos alunos consistiu em observar, descrever e analisar os produtos certificados fornecidos pela professora (figura 6). Formaram grupos de 3 a 4 elementos heterógenos e o trabalho prático com o apoio de uma ficha decorreu com a observação direta dos produtos certificados onde puderam:

- Observar a certificação de cada produto.
- Visualizar cada embalagem, peso, cor, textura.
- Discutir se é um produto com um preço justo.
- Verificar se a embalagem é apelativa aos turistas e aos consumidores em geral.

Realizaram o registo das suas observações numa ficha de trabalho cujo objetivo é criar um “Bilhete de Identidade” de cada produto, bem como assinalar no mapa de Portugal Continental (NUTS III) e regiões autónomas Madeira e Açores da respetiva ficha, os locais de onde são provenientes (anexo VIII).

Nesta aula foi possível colocar os alunos em contacto direto com produtos, podendo explorá-los. Foi uma aula dinâmica onde os alunos tinham autonomia na sua realização mantendo-se o docente na sala como professor orientador. Os alunos não apresentaram dificuldades em compreender os conteúdos, mostrando muito interesse e empenho na realização da tarefa. Puderam adquirir conhecimento ficando a conhecer vários produtos de qualidade do nosso país, a sua grande diversidade e a sua potencialidade.

A diversidade de produtos analisados, assim como a realização da tarefa, tiveram como objetivo tornar a aula dinâmica de forma a envolver os alunos nos conceitos a estudar e poderem construir de uma forma consciente as aprendizagens.

Esta aula foi, porventura, a mais estimulante para os alunos, que participaram com grande entusiasmo mas também para o professor.

Foi um momento de aula muito construtivo, os alunos estiveram muito empenhados, gostaram dos recursos utilizados, consultaram o mapa de Portugal em papel exposto na parede da sala de aula para ajudar na sua pesquisa

(figuras 7, 8 e 9).



**Figura 7** - Realização de trabalho em grupo.



**Figura 8** - Acompanhamento da professora estagiária.



**Figura 9** - Alunos consultando o mapa de Portugal.

No momento de síntese, a professora estagiária utilizou o *PowerPoint* – *As Áreas Rurais em Mudança* (Porto Editora) (anexo VII), para os alunos poderem observar a diversidade de produtos certificados do nosso país, a proveniência das matérias-primas, a sua confeção e distribuição a nível geográfico.

O momento de avaliação foi ocorrendo durante a elaboração dos trabalhos de grupo, a professora estagiária foi observando o desempenho dos alunos na atividade proposta, procedendo a uma avaliação qualitativa (anexo IX).

## **2.4 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia A – 10.º C**

A turma do 10.º C do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades, formada por 22 alunos; 13 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, numa média de idades entre os 15 e os 16 anos. Três alunos frequentavam o 10.º ano pela segunda vez; cinco alunos de nacionalidade estrangeira, dois do Brasil, um da Itália, um da Ucrânia e um da Geórgia. O seu aproveitamento escolar era no geral de nível médio destacando-se dois alunos com bom. Estavam referenciados dois alunos de Necessidades Educativas Especiais (NEE), aos quais foram adaptados os elementos de avaliação correspondentes. Não apresentavam casos de indisciplina e, à semelhança da turma do 11.º ano C, o seu núcleo familiar (pai e mãe) possuía na sua maioria o Ensino Básico e Secundário e acompanhavam o percurso escolar dos seus educandos.

A prática de ensino no 10.º C decorreu durante o mês de novembro (18 a 25). Teve início com o tema – A Distribuição da População; subunidade: A repartição da população portuguesa (anexo X).

A professora planeou para a aula de dois tempos (50+50 min) do dia 18 de novembro (anexo XI), tendo por base o trabalho fotográfico do geógrafo Orlando Ribeiro e do arquiteto e fotógrafo Duarte Belo, a observação indireta de imagens como recurso didático para o ensino-aprendizagem da distribuição da população no território de Portugal Continental. Pretendeu-se com esta metodologia alcançar os seguintes objetivos:

- a) Analisar comparativamente os espaços povoados pela população portuguesa na década de 40-50 através do trabalho fotográfico do professor Orlando Ribeiro e comparar os mesmos locais fotografados atualmente pelo arquiteto Duarte Belo.
- b) Identificar os fatores naturais e fatores humanos que levam à fixação da população nestes locais.
- c) Referir as condições naturais de clima, relevo e solo.
- d) Localizar as áreas de maior e menor densidade populacional.
- e) Indicar como se distribui a população portuguesa.
- f) Referir os fatores que favorecem o alargamento de umas áreas e o abandono de outras.

O professor (Orlando Ribeiro) cautelosamente registou num dos seus livros (Ribeiro, 2011), uma visão de “conjunto do território pátrio, a que já tinha dedicado mais de dez anos de viagens e meditações” (Ribeiro, 2011: 13), percorreu todas as regiões de Portugal a partir de 1934, fotografou exaustivamente o território português a partir de 1937. Durante cinco décadas fixou pela imagem, o solo e as construções que nos rodeiam (Belo, 2010).

Num primeiro momento de aula a professora estagiária em diálogo com os alunos, questionou se conheciam o professor Orlando Ribeiro e a sua obra. O *feedback* não foi positivo pelo que antes de passarmos à prática do trabalho, apresentámos um diapositivo dando a conhecer a figura e alguns trabalhos do professor (figura 10).



**Figura 10** – Informação sobre Orlando Ribeiro disponibilizada aos alunos.

No segundo momento de aula, a professora explicou as etapas do trabalho a realizar. Pegando no trabalho fotográfico de Orlando Ribeiro, selecionaram-se 6 imagens de espaços urbanos de norte a sul do país, a preto e branco que datam entre 1942 e 1967. O trabalho fotográfico do arquiteto Rui Belo, (em homenagem do centenário do nascimento do geógrafo) fotografou exatamente os mesmos locais e realizámos um contraponto de décadas de distância com imagens atuais dos mesmos locais (figuras 11 e 12).



**Figura 11** - Sesimbra, 1945.



**Figura 12** - Sesimbra na atualidade.

Foram distribuídas as fichas de trabalho formativo (anexo XII), os alunos trabalharam em grupos de quatro elementos no máximo, registaram as suas pesquisas, para as quais puderam recorrer à consulta do manual da disciplina. No final realizaram uma conclusão conjunta debatendo oralmente (aluno/professora e professora/aluno). A análise comparativa dos locais ocupados pela população portuguesa na década de 40/50 e na atualidade, permitiu alcançar os objetivos e concluir que desde Orlando Ribeiro até aos nossos dias, as localidades sofreram uma grande modificação devido ao aumento

demográfico e ao crescimento dos setores de atividade. Assinalaram os fatores naturais (clima, relevo, solos favoráveis) e fatores humanos (oferta de emprego, oferta de bens e serviços, criação de infraestruturas) como sendo responsáveis pela fixação ou afastamento da população em determinadas áreas e regiões.

A professora estagiária procedeu à avaliação qualitativa (anexo XIII) pela realização dos trabalhos dos alunos dos quais retirou um parecer positivo.

## **2.5 – Caracterização da turma e atividades letivas em Geografia B – 10.º F**

A turma do 10.º F do Curso Profissional de Hotelaria e Turismo - técnico de Turismo era formada por 15 alunos, sendo 9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Todos os alunos frequentavam a disciplina pela primeira vez, sendo a média de idades os 16 anos. O grupo apresentava um misto de alunos, uns empenhados e outros com pouco empenho pelas atividades a realizar e pouco assíduos. Os pais não apresentavam habilitações de nível superior, tendo na sua maioria frequentado apenas o Ensino Básico.

A prática de ensino decorreu no início do segundo período, no mês de janeiro (14 a 23) com o Módulo B2 – O Quadro Natural de Portugal – O Clima (anexo XIV) com os conteúdos programáticos das subunidades B2.1 - As Características Climáticas de Portugal Continental (anexo XV) e B2.2 - A diferenciação Climática de Portugal Continental (anexo XVI).

A metodologia aplicada pela professora estagiária centrou-se na proposta de aprendizagem do Programa de Geografia recomendado para os Cursos Profissionais ( Direção Geral de Educação, 2007), com os seguintes objetivos:

- a)** Tomar contacto com o *site* oficial do IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera)
- b)** Aprender a utilizar o *site* oficial do IPMA na pesquisa e recolha de dados e na elaboração de mapas e gráficos.
- c)** Compreender a importância do IPMA para o conhecimento do estado do tempo e do clima na disciplina de Geografia.
- d)** Leitura e interpretação de mapas temáticos.
- e)** Tratamento gráfico de dados climáticos.

f) Observação de imagens de satélite.

g) Recolha de informação meteorológica com recurso a sítios de internet.

Com o propósito de atingir os objetivos, os alunos formaram grupos de dois a quatro elementos, realizaram trabalho prático em *PowerPoint* nos computadores existentes na sala de aula. O trabalho dividiu-se por duas tarefas (1 e 2):

1.<sup>a</sup> Tarefa – Objetivo: elaboração de gráficos termo pluviométricos em formato Excel das seguintes localidades de Portugal Continental e Insular: Braga, Bragança, Lisboa, Faro, Penhas Douradas, Funchal, Santana, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, com recurso aos dados obtidos a partir do sítio eletrónico do Instituto Português do Mar e da Atmosfera – IPMA.

A professora estagiária forneceu o guião com as etapas a percorrer (anexo XVII) e o aplicativo gráfico Termo pluviométrico (figura 13).

A primeira tarefa teve como objetivos de aprendizagem:

- Identificar a estação meteorológica representada – nome do local, latitude altitude e longitude.
- Registar o comportamento da temperatura ao longo do ano.
- Registar o comportamento da precipitação ao longo do ano.
- Identificar o tipo de clima representado pelo gráfico.

Os alunos estiveram bastante motivados e empenhados, uma vez que a maioria consultou pela primeira vez o sítio na internet de meteorologia do IPMA. Após a conclusão dos gráficos o trabalho prático e autónomo dos alunos foi sendo feito com o acompanhamento da professora estagiária, avançaram para nova etapa:

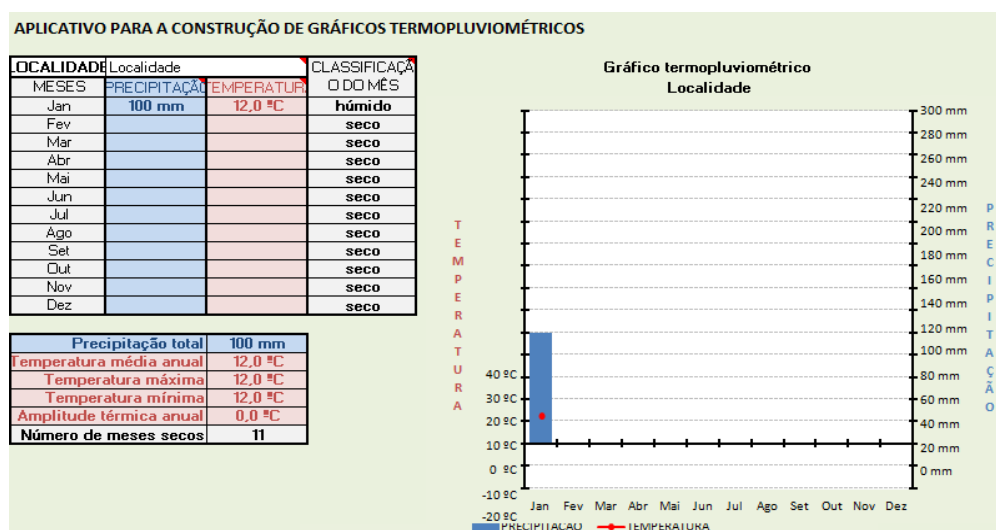


Figura 13 - Aplicativo de Gráfico termo pluviométrico.



2.<sup>a</sup> Tarefa - No *PowerPoint* (anexo XVIII) os alunos colocaram os gráficos previamente realizados correspondentes a cada localidade de Portugal. Os diapositivos tinham pequenos textos do professor Orlando Ribeiro (Ribeiro,1988) como motivação e aprendizagem das características climáticas de cada região de Portugal (figura 14). Com recurso ao computador e sítio da *internet*, os grupos selecionaram fotografias, ilustrando as regiões: relevo, vegetação e produtos agrícolas (figura 15).



Figura 14 – Diapositivo com frase do professor Orlando Ribeiro sobre o Clima do Algarve.



Figura 15 - Exemplo do trabalho realizado pelos alunos.

Foi um trabalho muito autónomo e exigente para os alunos, pelo que houve dificuldades na realização das tarefas dentro do tempo estipulado pela professora estagiária. Decorreu por várias aulas, os grupos iam enviando o trabalho para o correio eletrónico da professora estagiária, havendo uns mais adiantados do que outros. O envio para o correio eletrónico tinha como objetivo acompanhar e esclarecer dificuldades que foram surgindo.

No final, os alunos realizaram uma ficha formativa como síntese do trabalho realizado em *PowerPoint* (anexo XIX). Procedeu-se à avaliação qualitativa (anexo XX), onde os objetivos foram alcançados. Com a turma do curso Profissional de Turismo ficou concluída a minha prática de ensino na disciplina de Geografia.



## 2.6 – Orlando Ribeiro, um olhar...muitas aplicações

A extensa obra científica de Orlando Ribeiro apresenta uma enorme diversidade de recursos, muitos deles disponíveis em repósito aberto para consulta ([link: http://www.orlando-ribeiro.info/espolio/index.htm](http://www.orlando-ribeiro.info/espolio/index.htm)) e permitem aos professores de Geografia múltiplas formas de utilização em contexto de sala de aula.

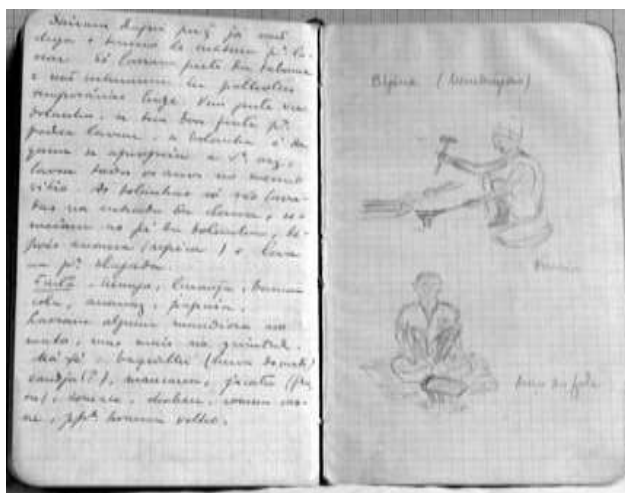
Durante a PES apenas nos foi possível utilizar pontualmente alguns desses recursos mas, temos plena consciência das múltiplas aplicações e diversidade de estratégias metodológicas que a obra deste autor proporciona, pelo que no futuro esperamos como professora de Geografia poder vir a utilizá-la.

A título de exemplo, refira-se a utilização dos cadernos de campo de Orlando Ribeiro, como recurso motivador para o ensino da Geografia. Os cadernos de campo são blocos de notas e esboços efetuados durante os trabalhos de campo, nuns casos retratando os fenómenos ou as características das paisagens, noutros registando as interpretações pessoais do seu autor (figuras 16, 17 e 18).

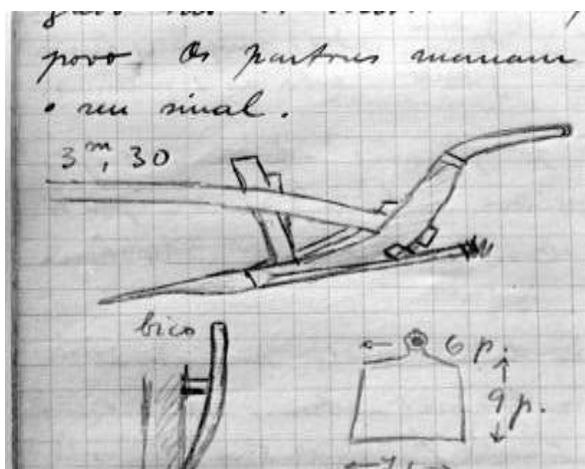
Através deste recurso podemos reviver de uma forma muito subtil e autêntica os instantes de observação em pleno campo. A aplicação desta metodologia potencia aos alunos o interesse, a criatividade e o espírito crítico tão importantes na Geografia. Analisar paisagens começando pela elaboração de um esboço (desenho) é decerto bastante motivador e envolvente para os alunos.



**Figura 16** - Vistas do litoral sul da parte oriental da Ilha da Madeira, agosto de 1947. (CC nº 35, 1ª parte, p. 33). Fotografia de Duarte Belo, dos originais de O. Ribeiro.



**Figura 17** - Um ferreiro e o seu ajudante a ativar o fole, na aldeia mandinga de Bigine, na Guiné, em 1947. (CC nº 33, p. 39/40). Fotografia de Duarte Belo, dos originais de O. Ribeiro.



**Figura 18** - Arado e enxada, na Madeira, em setembro de 1948. (CC nº 35, 2ª parte, p. 20). Fotografia de Duarte Belo, dos originais de O. Ribeiro.

Segundo Alberto Carneiro<sup>8</sup>, o “desenho é provavelmente a forma de expressão que sintetiza melhor a nossa relação com o mundo” (Carneiro, 1937, citado por Tavares, 2009: 1). Ele permite-nos, com a elaboração mental, o desenvolvimento de ideias e a descoberta do que ainda desconhecemos de nós mesmos. O desenho está subjacente em quase tudo; quase todos os objetos que nos rodeiam foram desenhados, dos utensílios do dia-a-dia ao vestuário, dos edifícios aos jardins, das vias públicas aos automóveis que nelas circulam. Segundo Ramalho Ortigão citado por Tavares (2009) “o desenho está na base de todo o ensino escolar e de toda a educação do homem. A fonte do conhecimento

<sup>8</sup> Alberto Carneiro (1937), artista plástico e escultor português.

humano é a observação. Toda a noção que não se baseie na observação dos fenómenos tem o carácter anedótico, não tem o carácter científico (Tavares, 2009: 2).

A fotografia foi outra ferramenta e grande paixão do geógrafo para captar os mais variados aspetos da paisagem. Muito reconhecida e valorizada na obra do professor, constitui uma valiosa parte do seu espólio; “ler” através das imagens de Orlando Ribeiro, é aprender a interpretar o mundo que nos rodeia. Consideramos portanto que a fotografia é outro recurso motivador e de grande utilidade didática para a compreensão de conteúdos e para a aquisição de competências na disciplina de Geografia e não só. O recurso à fotografia permite despertar uma atitude mais atenta por parte dos alunos, para o ambiente que os rodeia. Interpretar imagens é, nos dias de hoje, uma tarefa muito comum nas aulas de Geografia. Durante o processo de ensino-aprendizagem, o professor deve orientar os alunos a saberem observar, descrever e analisar criticamente imagens, verbalizando o que elas lhes sugerem.

A fotografia e o seu uso em contexto escolar, permite a aproximação da escola ao mundo real e ao dia a dia dos alunos. Em suma, na tentativa de proporcionar futuramente experiências de ensino diversificadas, pretendemos recorrer aos inúmeros recursos disponíveis de Orlando Ribeiro como motivação e consolidação na aprendizagem de conteúdos programáticos da Geografia. Desta forma, e tal como têm feito os seus discípulos e seguidores - Ilídio do Amaral, Mariano Feio, Raquel Soeiro de Brito, Jorge Gaspar, Carlos Alberto Medeiros e tantos outros, a sua obra continuará intemporal, quer pelas sucessivas reedições dos seus textos, sempre muito procurados, quer pela referência incontornável da sua obra nos trabalhos de investigação que nele encontram um referencial e um suporte para novas abordagens e perspectivas.

## **Parte III – Breve descrição da atividade em História**

Nesta terceira e última parte do presente relatório descreve-se o percurso académico e profissional que antecedeu esta formação. Identificam-se os contextos e as experiências profissionais, que me marcaram positivamente, e o que aprendi e vivi de maior relevância, possibilitando o meu desenvolvimento quer profissional quer pessoal.

### **3.1 – Habilitação para a docência**

Entrei na Universidade Lusíada de Lisboa no ano de 1992, onde completei a licenciatura em História, variante do Ramo Científico. A Licenciatura proporcionou-me uma sólida realização pessoal e uma riquíssima formação humanística, dado o vasto e abrangente conteúdo que vai da Pré-história à história atual, da história política à económica, da história cultural à social, cujo conhecimento me entusiasmou e possibilitou uma formação diversificada.

No ano de 2005, após um pedido de equivalência à minha licenciatura em História, ingressei no curso de Pós-graduação em Ciências da Educação/Ramo de Formação Educacional da Universidade Autónoma de Lisboa o qual completei no ano de 2007 (anexo XXI).

O estágio profissional de habilitação para o Ensino da História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, decorreu durante o ano letivo de 2006/2007 na Escola Secundária Jorge Peixinho no Montijo, distrito de Setúbal, com uma turma de 9º ano sob a orientação da professora de História da Cultura e das Artes, Deolinda Correia.

A disciplina de História tem como missão formar jovens cada vez mais capazes de assumir o papel de construtores do futuro, jovens responsáveis e informados. Durante a PES em História, compreendemos que ensinar História vai para além da transmissão de conceitos, factos, ideias e acontecimentos. A prática de ensino decorreu numa altura em que as escolas iniciavam a aplicação de computadores e das Novas Tecnologias, eram muito poucas as que usufruíam destas ferramentas tão importantes e indispensáveis nos dias de hoje. A escola Jorge Peixinho não foi exceção, não havendo computadores nem internet nas salas de aula e um dos recursos utilizados para o ensino-aprendizagem foi a exploração da imagem criada em acetato e projetada no quadro

branco. Este recurso permitiu aos alunos interpretar e analisar a imagem descodificando a mensagem histórica contida, permitiu formular hipóteses e interpretar de forma comparativa factos históricos que no final concluíam de forma individual ou em grupo numa síntese escrita. Sendo uma disciplina considerada muito teórica e expositiva, tivemos a facilidade de proporcionar visitas de estudo, consolidando os conteúdos lecionados na sala de aula com a observação direta de fontes e acontecimentos passados. Metodologia que permitiu aos alunos adquirir competências específicas da História: temporalidade - localizar no tempo o acontecimento histórico; espacialidade - localizar no espaço os acontecimentos e contextualização – analisar comparativamente as diferentes fontes e realizar pequenas sínteses narrativas.

Todas as atividades realizadas dentro e fora da sala de aula foram devidamente planificadas. A nossa primeira experiência como professora ocorre com a PES em História possibilitando-nos o contacto com a realidade educativa, a observação de estratégias metodológicas diversificadas realizadas pela professora cooperante, bem como as utilizadas pelos colegas de estágio. Durante todo o percurso, tentámos aplicar estratégias e metodologias que considerámos importantes e enriquecedoras para os alunos. Neste ponto, o núcleo de estágio foi muito importante porque ao longo desta prática, foi possível refletirmos sobre o trabalho desenvolvido, sobre os receios e os medos que contribuiriam para melhorar a nossa prática de ensino.

Ao longo de todo o percurso sentimos que evoluímos, aprendemos e melhorámos como professora. A PES ajudou a clarificar dúvidas, sensibilizou-nos para a leção e reforçou uma certeza, cada aluno é um ser único, nós docentes temos de planear, ensinar e avaliar, acima de tudo, estabelecer uma boa relação pedagógica com os alunos.

### **3.2 - As escolas**

Ao terminar a formação inicial, lecionámos em várias escolas com características distintas. As metodologias de ensino e os recursos utilizados em sala de aula foram sempre adaptados às características de cada escola, turma e alunos. O professor deve ter atenção às singularidades e características individuais dos alunos, sendo que se aprende de diferentes maneiras e em tempos diferentes.

Para exercer da melhor forma a profissão de docente, tivemos sempre o cuidado de conhecer a realidade educativa para organizar e planificar o ano letivo e as aulas,

contribuindo para uma aprendizagem significativa dos alunos e uma maior motivação para aprender e conhecer a História. Utilizámos várias metodologias diversificando sempre que possível os recursos. As aulas devem ser dinâmicas e com diferentes atividades. Recorremos a aulas dialogadas professor-aluno, sendo importante para compreender os conhecimentos dos alunos, e trabalhar os conteúdos. Utilizámos documentos iconográficos, mapas, gráficos para os alunos individualmente, em pares ou em grupos para observar e analisar as diferentes fontes e relacionarem os factos. Normalmente teriam que escrever um texto e apresentá-lo oralmente para a turma. Estas aulas foram importantes para promover a autonomia através do desenvolvimento das capacidades de análise e síntese de raciocínio e contribuir para a compreensão da pluralidade de modos de vida, sensibilidades e valores em diferentes tempos e espaços e também, para adquirir hábitos de discussão e posicionamento crítico em relação à realidade social do passado e do presente.

Foi recorrente utilizarmos pequenos vídeos no início da aula para introduzir o conteúdo ou a meio da aula para reforçar e ajudar na aprendizagem dos alunos. Este recurso era importante para visualizarem e perceberem melhor os conteúdos, também, importante para estimular a criatividade e desenvolver o gosto pelo passado. Desta forma, em algumas turmas foi possível recriar situações históricas promovendo o trabalho em grupo, o trabalho de investigação e desenvolvendo a sua capacidade de seleccionar informação sobre o tema em estudo e o espírito de tolerância e capacidade de diálogo em relação a outras opiniões.

Algumas escolas por onde passámos estavam equipadas com computadores sendo possível trabalhar em aulas com os alunos recorrendo ao computador. Foi entregue um guião da tarefa e os alunos trabalhavam normalmente em pares e, no fim da aula, teriam que entregar a tarefa para ser avaliada. O professor nesta aula estava a acompanhar, a monitorizar e a orientar os trabalhos.

Intercaladas com estas aulas havia também aulas mais expositivas onde recorriámos ao quadro, aos diapositivos e ao manual onde os alunos teriam que sublinhar no texto a informação e sublinhar o parágrafo do texto que dá informação que permite ao aluno responder à questão colocada. Estas aulas eram essenciais para reorganizar a informação.

Foram várias as metodologias e recursos utilizados mas nem sempre foi possível diversificar quanto gostaria devido à extensão do programa e ao número de aulas por

semana. As escolas onde lecionámos tiveram como parte integrante do PAA (Plano Anual de Atividades) visitas de estudo do grupo de ensino da História, organizado no âmbito da disciplina e dos conteúdos programáticos em articulação com outras disciplinas.

Na preparação das aulas houve sempre o cuidado de fazer com que os alunos se interessassem pela História e pelos conteúdos, de transmiti-los de forma clara e perceptível para que no final houvesse aprendizagem.

Iniciámos a atividade de docente no ano letivo de 2008/2009 no Instituto de Ciências Educativas (estabelecimento de ensino privado) localizado na Ramada em Odivelas.

Lecionámos no 2.º ciclo a disciplina de História e Geografia de Portugal (HGP) ao 6º ano, na qual exercemos funções de Direção de Turma. No 3º ciclo do ensino básico lecionámos a disciplina de História aos 7.º e 8.º ano de escolaridade.

No ano letivo de 2009, exercemos funções de docente no Agrupamento de Escolas do Bom Sucesso em Alverca, concelho de Vila Franca de Xira, em dois níveis, 5.º e 6.º ano do 2.º ciclo, na disciplina de História e Geografia de Portugal (HGP), sendo que a uma das turmas de 5.º ano foi-nos atribuída as funções de docente em Língua Portuguesa (LP). No 3.º ciclo lecionámos a disciplina de História em turmas do 7.º e 8.º ano.

No ano letivo de 2009/2010 exercemos funções de docente no Agrupamento de escolas de Azeitão, concelho de Setúbal. Nesta escola lecionámos o 2.º ciclo, 5.º e 6.º ano, na disciplina de História e Geografia de Portugal, assim como Língua Portuguesa a uma turma de 5.º ano. No 3.º ciclo a disciplina de História nos níveis de 7.º, 8.º e 9.º ano, exercemos funções de Direção de Turma do 7.º ano.

No ano letivo de 2010/2011, exercemos funções de docente na disciplina de História no Agrupamento de Escolas Romeu Correia, no Feijó, concelho de Almada, aos níveis de 7.º e 9.º ano.

No presente ano letivo de 2015/2016, encontramos-nos em exercício de funções no Agrupamento de Escolas Moinhos da Arroja, em Odivelas, distrito de Lisboa. Lecionamos o Ensino Vocacional (VOC) nível 1, 8.º ano na disciplina de Ciências Sociais e uma turma do 7.º ano, a disciplina de História de Percurso Curricular Alternativo (PCA).

Ao longo do percurso profissional, como docente da disciplina de História, preocupámo-nos em preparar e organizar as atividades letivas, adaptando às diferentes turmas e aos diferentes alunos as planificações, não descurando o programa curricular adaptado aos diferentes níveis.

No desempenho de funções docentes, tivemos sempre a preocupação de conhecer os alunos, detetar necessidades, interesses e aptidões, com o intuito de proceder a uma avaliação o mais justa possível e aproximada das capacidades desenvolvidas assim como os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Ao longo da prática letiva procurámos sempre que possível relacionar os conteúdos programáticos com situações/problemas da atualidade com o propósito de motivar e enriquecer o ensino-aprendizagem dos alunos. O bom comportamento e a disciplina na sala de aula são indispensáveis para o alcance dos objetivos do ensino-aprendizagem pelo que o professor(a) deve trabalhar no sentido de estabelecer o diálogo e uma boa relação pedagógica com os alunos.

No desempenho de funções de Direção de Turma, houve sempre a preocupação de estabelecer o bom diálogo com os educandos e com os Encarregados de Educação, conhecer cada um dos alunos no sentido de poder apoiá-los da forma mais correta possível.

Enquanto elemento da comunidade escolar participámos sempre nas Reuniões de Departamento, Reuniões de Grupo e nas Reuniões de Conselho de Turma convocadas pela Direção, bem como cooperámos sempre que houve solicitações, para um melhor funcionamento da escola.

Na relação estabelecida com a comunidade escolar consideramos que a cordialidade, a disponibilidade e a educação com todos os elementos que a compõem é imprescindível. A integração nas diferentes escolas nunca foi difícil, a reciprocidade de ambas as partes foi extremamente positiva, havendo da nossa parte a preocupação constante de atuar de forma assertiva, leal e honesta nos diferentes contextos profissionais.



## Considerações finais

Não sendo a primeira experiência enquanto docente, a Prática de Ensino Supervisionada em Geografia foi um percurso extraordinário, no qual reconhecemos que foram muitas as aprendizagens, uma experiência de ensino e de vida muito construtiva, enriquecedora e ambiciosa.

Ao longo do período de estágio e no decorrer do desenvolvimento do relatório apresentado, foi possível tirar algumas conclusões, permitindo responder diretamente às questões de partida mencionadas na Introdução.

Particularizando:

- **Os alunos não tinham ouvido falar de Orlando Ribeiro**

Durante a prática de ensino da Geografia, foi possível depreender que Orlando Ribeiro não é uma figura conhecida e relevante da Geografia portuguesa para os alunos, mesmo quando surgem breves referências sobre o professor nos manuais escolares do Ensino Básico e Secundário. Embora seja uma figura incontornável desta disciplina, não tem ainda o merecido destaque. No entanto, foi gratificante verificar, ao abordarmos sumariamente o seu percurso enquanto geógrafo e investigador, que os alunos demonstraram interesse e curiosidade, uma vez que Orlando Ribeiro teve o privilégio de poder viajar por vários continentes e fazer registos das suas observações no âmbito da Geografia Física e Humana. Deve, então, ter-se em consideração que o “Pai” da Geografia deverá ser abordado desde o início para que, também, a sua obra seja vista e entendida de outra forma.

- **Pertinência da utilização da obra de Orlando Ribeiro no ensino-aprendizagem**

Durante os períodos em que o professor viajou, recolheu informações do que observou e registou-as sob a forma de breves notas, desenhos e pequenos textos nos seus “cadernos de campo”. Os cadernos são o resultado mais imediato do trabalho dito “de campo” e os materiais essenciais para o desenvolvimento de tópicos que o professor mais tarde estruturou em artigos e em livros. Para além da informação neles registada,

os cadernos são uma fonte de motivação e exemplo de como se pode registar trabalho de campo. Através destes pudemos reviver de uma forma simples, subtil e muito autêntica a observação de Orlando Ribeiro em pleno campo nas várias regiões: são registos muito espontâneos e pessoais e de grande valor para o estudo da Geografia. Aachamos pertinente proporcionar aos alunos ensino-aprendizagem fora do contexto de sala de aula para alguns conteúdos da disciplina de Geografia, e levá-los a observar e a registar o meio envolvente recorrendo à sua autonomia e criatividade. Um outro recurso utilizado que consideramos uma mais-valia no processo de ensino-aprendizagem é o reportório fotográfico de Orlando Ribeiro. A fotografia é um aspeto muito conhecido e valorizado da sua obra e constitui uma valiosa parte do seu espólio. As imagens fotográficas do professor são como a sua escrita, sinceras, simples, autênticas, cheias de realismo.

A imagem fotográfica é um recurso didático de grande importância para o ensino da Geografia. Ensinar e interpretar deve ser uma tarefa dos professores de Geografia. Implica que estes ao longo do processo de ensino-aprendizagem, conduzam os alunos a analisar criticamente, a observar e a descrever o que observam e retirar as inferências possíveis, verbalizando e registando o que a imagem lhes sugere.

Em suma, a pertinência do conhecimento da obra de Orlando Ribeiro é uma mais-valia que deveria ser levada para dentro da sala de aula.

- **Aprender com Orlando Ribeiro**

Orlando Ribeiro ficará para sempre ligado à introdução do fator humano na compreensão da ciência geográfica. É desta forma que se entendem muitas outras disciplinas e é também inspirado por ele que a Geografia passa a ser uma disciplina estudada, importante e respeitada, sem a diminuição do carácter científico que lhe está associada. Orlando Ribeiro impulsionou o conhecimento desta disciplina e a forma de aprendizagem com ele está descrita ao longo do presente relatório.

Estudar Geografia através de recursos de Orlando Ribeiro permitiu aos alunos pesquisar, seleccionar e organizar informação que conduziu à aprendizagem de novos conteúdos e à formação de cidadãos mais responsáveis e mais capazes de compreender o mundo. O uso da metodologia do trabalho de campo, da observação direta de produtos, de observação indireta de imagens, de elaboração de gráficos e de uso das

tecnologias de informação e comunicação, contribuíram para a aprendizagem, instigando os alunos a observar, a ler e a interpretar os espaços que os rodeiam.

A preconização destas atividades aliadas ao trabalho individual e colaborativo, contribuiu para o desenvolvimento da criatividade, do espírito crítico e da autonomia; em suma, para o desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos.

Consideramos que no global o trabalho desenvolvido e as experiências de ensino-aprendizagem vivenciadas com os alunos decorreram de forma positiva, no entanto não aplicámos a atividade de trabalho de campo como gostaríamos, pois consideramo-la um pilar importante, poder observar diretamente, recolher informação “in loco”, estimula a curiosidade e facilita a assimilação dos conteúdos programáticos, em suma, o ideal seria poder conciliar a teoria com a prática no ensino da Geografia.

Tomámos consciência de algumas fragilidades ao nível científico da área da Geografia, pelo que a PES contribuiu para aumentar a confiança no trabalho desenvolvido e a desenvolver futuramente, percebermos a importância e a exigência necessárias para a preparação das atividades a lecionar assim como a planificação das aulas.

O percurso que realizámos foi muito importante no nosso crescimento enquanto profissionais do ensino. Terminámos sem certezas, mas com imensas perguntas e novas ferramentas que nos ajudarão a encontrar as respostas mais adequadas e que nos permitirão continuar a melhorar o nosso desempenho.

Só o sucesso dos alunos poderá refletir o nosso sucesso enquanto professores, serão muitas as dúvidas e os receios que nos surgirão. Responder a questões como: qual é afinal o papel do professor? Ensinar conteúdos, educar para a autonomia, fomentar o espírito crítico, preparar para os exames, formar futuros cidadãos? Talvez seja tudo isso e muito mais. Queremos conseguir cumprir como o geógrafo Orlando Ribeiro (1970) afirmou e que resume o que entendemos ser o papel dos professores – semear dúvidas.

Pretendemos como mensagem final que este relatório de Prática de Ensino Supervisionada, sirva também como um alerta para que futuros professores de Geografia e não só, tomem conhecimento do autor e da sua obra que pode e deve ser muito mais utilizada.

A Geografia de Orlando Ribeiro, é uma forma de ver o mundo, de observar e registar os fenómenos do mundo e é, em simultâneo, um corpo de conhecimento e uma forma de pensar.

No que respeita às limitações do trabalho desenvolvido na escola, é de salientar o pouco tempo disponível para a realização do mesmo. O horário das aulas da prática de ensino coincidiu com o horário de trabalho tornando-se muito difícil a gestão. Houve uma certa abertura da entidade empregadora que facilitou o horário para conseguir concluir esta etapa tão importante. De referir que também não foi fácil conciliar as disciplinas da Universidade com o tempo que tínhamos que dedicar à escola. Não foi fácil, houve momentos de exaustão mas foram superados. Estes constrangimentos tiveram algumas repercussões no resultado final deste relatório. Foi mais difícil adaptar os conteúdos programáticos ao objetivo central deste trabalho, ao qual sempre me mantive fiel, na duração das aulas disponibilizadas para a lecionação. Adequar o tema escolhido aos diferentes anos e programas foi um caminho difícil, de constante pesquisa e trabalho para conseguir dar resposta às questões de partida

Consideramos que todo o percurso realizado para chegar até aqui foi de extrema realização e aprendizagem pessoal. Não foi de todo fácil, mas foi compensador após cada etapa concluída. É certo que ao olharmos para trás, já com outra visão e sabedoria, aplicaríamos estratégias e metodologias mais diversificadas, aproveitando mais e melhor da vasta obra do grande Mestre da Geografia, Orlando Ribeiro.

## Bibliografia

- Alexandre, F & Diogo, J.** (1990). *Didática da Geografia*. Lisboa: Texto Editora.
- Almeida, A.** (1988). *Visitas de Estudo, Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alves, M., Brazão & M., Martins, O.** (2001). *Programa de Geografia A, 10º e 11º ou 11º e 12º, Curso Científico-Humanísticos de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas*. Obtido em janeiro de 2015. Disponível em: [www.areditores.pt/assets/extras/01563/Programa\\_GeoA.pdf](http://www.areditores.pt/assets/extras/01563/Programa_GeoA.pdf).
- Amaral, I.** (2008). Orlando Ribeiro Humanista. In *Finisterra, XLIII*, pp 45-56. Obtido em abril de 2015. Disponível em: [www.ceg.ul.pt/finisterra](http://www.ceg.ul.pt/finisterra).
- Bailey, P.** (1981). *Didactica de la Geografia*. Madrid: ed. Cincel-Kapeluzz.
- Belo, D.** (2010). *O País depois de Orlando Ribeiro*. Lisboa: Edições Círculo de Leitores/Temas e Debates. Obtido em abril de 2015. Disponível em: [www.duartebelo.com/luz.html](http://www.duartebelo.com/luz.html).
- Callai, H.** (1988). A geografia e a escola: muda a geografia? Muda a escola? Terra Livre. In *Paradigmas da geografia Parte I, n.º 16, 1º semestre/2001*, pp. 133-152. São Paulo: AGB.
- Cavalcanti, L.** (2006). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*, 10ª ed. s.l.: Papyrus editora.
- Claudino, S.** (1988). O Trabalho de Campo em Geografia. In *Apogeo, nº 1*, Dezembro, pp. 4-7. Obtido em abril de 2015; Disponível em: [www.aprofgeo.org/joomla17](http://www.aprofgeo.org/joomla17).
- Claudino, S.** (2008). A Influência de Orlando Ribeiro no Ensino Secundário de Geografia e História. In *Finisterra, XLIII*, n.º 85, pp. 35-44. Obtido em maio de 2015. Disponível em: [www.ceg.ul.pt/finisterra](http://www.ceg.ul.pt/finisterra).
- Claval, P.** (2006). *História da Geografia*. Lisboa: Edições 70.
- Compiani, M. & Carneiro, C.** (1993). *Investigaciones y experiencias educativas: Os papéis didáticos das excursões geológicas*. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra.
- Daveau, S.** (2008). O espólio científico do professor Orlando Ribeiro. In *Finisterra, XLIII*, n.º 85, pp. 123-138. Obtido em maio de 2015. Disponível em: [www.ceg.ul.pt/finisterra](http://www.ceg.ul.pt/finisterra).

- David, C.** (2002). Trabalho de campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica. In *Revista do Departamento de Geografia, nº 11*, pp.19-24. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Direção Geral de Formação Vocacional** (2007). *Programa - Componente de formação científica de cursos profissionais de nível secundário: Disciplina de Geografia*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gaspar, J.** (1988). Orlando Ribeiro. In *Finisterra, XXXIII*, pp. 3-6.
- Guedes, M.** (2010). *O Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro*. Tese de Mestrado policopiada. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obtido em fevereiro de 2014. Disponível em: [www.repositorio-aberto.up.pt](http://www.repositorio-aberto.up.pt).
- Lima, L.** (1982). *Metodologia numa equipa de trabalho de campo: uma perspectiva educacional*. Braga: Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho. Obtido em novembro de 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12349>.
- Ribeiro, O.** (1970), *Ensaio de Geografia Humana e Regional*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Ribeiro, O., Lautensach, H. & Daveau, S.** (1987). *Geografia de Portugal, Vol. I*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Ribeiro, O., Lautensach, H. & Daveau, S.** (1987). *Geografia de Portugal II. O ritmo climático e a paisagem*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Ribeiro, O.** (1987). *Mediterrâneo, ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, O.** (2008). Deslocamentos da população em Portugal – programa de um estudo. In *Finisterra, XLIII, n.º 85*, pp. 95-100. Obtido em maio de 2015. Disponível em: [www.ceg.ul.pt/finisterra](http://www.ceg.ul.pt/finisterra).
- Ribeiro, O.** (2011). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Edição Letra Livre.
- Ribeiro, O.** (2008). Propósitos e projetos da minha carreira de geógrafo. In *Finisterra, XLIII, n.º 85*, pp. 101-107. Obtido em maio 2015. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>.
- Ribeiro, O.** (2012), *O Ensino da Geografia*. Lisboa: Porto Editora.
- Ribeiro, O., Lautensach, H., Daveau, S.** (1988). Recensão de Geografia de Portugal - O Ritmo Climático e a Paisagem. In *Finisterra, vol. II*, pp.371-385. Lisboa.

- Rodrigues, A, Otaviano, C.** (1999). Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. In *Revista do Departamento de Geociências, Londrina*, v8, nº1, pp.13-15. Obtido em novembro de 2015. Disponível em: [www.uel.br/revistas/uel](http://www.uel.br/revistas/uel).
- Rodrigues, M.** (2009). *Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Tese de mestrado Policopiada. Porto. Obtido em fevereiro de 2015. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/23278/2/mestidalinarodriguesler000094378.pdf>.
- Roldão, M.** (2010-Θ). *Estratégias de Ensino saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Roxo, M., Julião, R., Pereira M. & Gil, D.** (2015). ATAS - X Congresso de Geografia Portuguesa – Os Valores da Geografia. Lisboa: Associação Portuguesa de Geógrafos, pp. 430-434.
- Souza, J. & Pereira, R.** (1985). *Uma Reflexão acerca da importância do trabalho de campo e a sua aplicabilidade no ensino de Geografia*. Obtido em novembro de 2015. Disponível em: [https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/uma\\_reflexao\\_acerca\\_da\\_importancia\\_do\\_trabalho\\_de\\_campo.pdf](https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/uma_reflexao_acerca_da_importancia_do_trabalho_de_campo.pdf)
- Sporck, J. & Tullipe, O.** (1978). Interesse e valor educativo da Geografia. In *Manual da Unesco para o ensino da Geografia*. Lisboa: Edições Estampa.
- Suertegaray, D.** (2002). Pesquisa de Campo em Geografia. In *Geographia, Niterói*, v.4, n.7. pp.64-68.
- Tavares, P.** (2009). O Desenho como ferramenta universal – Contributo do processo do desenho na metodologia projetual. In *Actas de Diseño, Facultad de Diseño y Comunicacion*. Universidad de Palermo. Obtido em março 2016. Disponível em: [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_ auspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/ADC072.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_ auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/ADC072.pdf).

## **Manuais Escolares**

**Lobato, R., Oliveira, S. & Arroteia, J.** (2015). *Raio X 11*, Geografia A 11º Ano. Lisboa: Editora Areal.

**Rodrigues, A.** (2012). *Manual Geo 7 – Mapa-mundo*. Lisboa: Texto Editora.





## **Anexos**



## **Anexo I – Projeto Nós Propomos!**

### **Visita à volta da escola**





Visita de estudo – À volta da escola

16/10/14

Nomes:

_____	n.º _____
_____	n.º _____
_____	n.º _____
_____	n.º _____

Tal como o professor **Orlando Ribeiro** (geógrafo e historiador português, 1911 - 1997) realizava as suas investigações percorrendo locais, observando, descrevendo e analisando, também nós vamos fazer uma **observação direta**, percorrendo algumas ruas à volta da nossa escola.

Tendo o mapa da área em estudo para te localizares, encontras cada uma das ruas que iremos percorrer assinaladas com as letras A, B, C e D.

O projeto **Nós Propomos** tem como principal objetivo identificar e caracterizar os problemas territoriais, elaborar propostas de ação para o(s) problema(s) identificados e por fim, apresentar propostas de melhoria das situações problemáticas identificadas no âmbito do exercício de uma cidadania ativa.

Através da identificação e investigação dos problemas urbanos é possível propor soluções e apresentá-las às autoridades responsáveis pela gestão do território.

Na visita de hoje vais poder observar, identificar e localizar possíveis problemas urbanísticos. As informações recolhidas terão como objetivo a construção de uma proposta para melhorar ou solucionar esses problemas.



Figura 1 - Percorso dos locais a visitar

<https://www.google.pt/maps/@38.7127504,-9.1481582,17.53x?hl=pt>

O que fazer em grupo em cada uma das paragens:

- 1 – Assinala no mapa o local correspondente a cada uma das paragens.
- 2 – Identifica qual ou quais os problemas urbanísticos que se podem observar.
  - 2.1- Regista no roteiro de observação, folha 3, os problemas que identificaste anteriormente.
- 3 – Procede ao registo fotográfico do(s) problema(s) observados.

Toda a Geografia começa com a observação!

Roteiro de observação



**A – Travessa Convento de Jesus**

**B – Calçada do Combro**



C – Rua de O Século

D – Rua Academia das Ciências

## **Anexo II - Documento informativo para os encarregados de educação**



Ex.mo(a) Senhor(a) Encarregado de Educação

\_\_\_\_\_ aluno(a) n.º \_\_\_\_ do 11º Ano  
– turma C vai participar no Projeto *Nós Propomos* Promovido pelo Instituto Geográfico de Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa. Este projeto vai ser realizado no âmbito da disciplina de Geografia A, no trabalho a desenvolver na rubrica do programa - estudo de caso. O trabalho vai pressupor algumas visitas de estudo/trabalho de campo e registo de imagens dos alunos, a publicar no site do projeto ([www.nospropomos.igot.ul.pt](http://www.nospropomos.igot.ul.pt)) e respetiva página do facebook (<https://www.facebook.com/nospropomos>). No dia 4 de maio de 2015, decorrerá a sessão de encerramento na sede do IGOT/Reitoria da Universidade de Lisboa (U L), com a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos das escolas envolvidas no projeto.

No âmbito do projeto, solicito a sua autorização para o registo de imagens referentes ao seu educando para publicação nos sítios acima referidos e na página do agrupamento.

A Professora responsável pelo projeto

(Isilda Medroa)

\_\_\_\_\_  
(Destacar e devolver ao Diretor de Turma)

**Assunto : Projeto *Nós propomos***

No âmbito do projeto, solicito a sua autorização para o registo de imagens referentes ao seu educando, para publicação nos sítios cujo endereço é [www.nospropomos.igot.ul.pt](http://www.nospropomos.igot.ul.pt) e <https://www.facebook.com/nospropomos>, e na página do agrupamento.

Tomei conhecimento e autorizo

O Encarregado de Educação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_ do 11º Ano,  
da turma C.

\_\_\_\_\_  
Lisboa, \_\_\_\_ de outubro de 2014



### **Anexo III – Seguro escolar**



Escola Básica e Secundária Passos Manuel

## SEGURO ESCOLAR

Os alunos do 11º ano da turma C vão realizar uma **VISITA DE ESTUDO**, à volta da escola no âmbito da disciplina de Geografia A - Projeto *Nós propomos*, no dia 16/10/2014 com início às 10:15 H, prevendo-se o fim pelas 12:05 H (corresponde aos dois tempos da aula de Geografia A) .

Os alunos vão acompanhados pelas Professoras Maria Isilda Medroa, e as professoras do núcleo de estágio de Geografia, Luísa Ferreira, Daniela Louro e Joana Carreto.

Lisboa, 13 de outubro de 2014

A Professora responsável,

---

(Maria Isilda Medroa)

Tomei conhecimento em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20\_\_\_\_

---

(Elemento da Direção Executiva)





## **Anexo IV - Síntese dos problemas levantados**





No âmbito do projeto **"Nós propomos"**, a turma do 11º ano C no dia 16/10/14, realizou um percurso à volta da escola.

Organizados em grupos de 3/4 elementos, percorreram 4 ruas distintas (ruas A,B,C,D) das quais **observaram e descreveram** situações problemáticas em comum a todas elas, salientaram os seguintes aspetos negativos:

- ✓ Vandalismo (prédios, portas, portões e muros grafitados)
- ✓ Carros em cima dos passeios/estacionamento indevido
- ✓ Mau estado das estradas
- ✓ Sarjetas entupidas
- ✓ Lixo no chão das ruas
- ✓ Passadeiras mal assinaladas
- ✓ Mau estado dos passeios com pedras soltas
- ✓ Prédios degradados
- ✓ Cabos elétricos expostos
- ✓ Caixas-de-ar condicionado à vista
- ✓ Falta de pedras nas calçadas
- ✓ Piso escorregadio nos dias de chuva
- ✓ Buracos no chão
- ✓ Poluição
- ✓ Edifícios abandonados
- ✓ Caixotes do lixo da Câmara muito cheios
- ✓ Poucas bocas-de-incêndio
- ✓ Ruas demasiado estreitas para a circulação de tantos carros e pessoas
- ✓ Degradação de edifícios históricos
- ✓ Passeios muito altos para idosos e deficientes
- ✓ Sem abrigo nas ruas
- ✓ Caixa multibanco em mau estado
- ✓ Poucos paquímetros
- ✓ Obras públicas a ocupar jardins
- ✓ Parque de estacionamento mal sinalizado
- ✓ Má distribuição dos caixotes do lixo
- ✓ Edifícios/prédios mal recuperados, fora do traçado original
- ✓ Ruas muito sujas
- ✓ Dejetos de animais
- ✓ Poluição visual



## **Anexo V – Planificação de subunidade temática – 11.º C**



Planificação de subunidade temática – 11º ano  
Geografia A  
2014/2015  
1º Período

Módulo III: Espaços organizados pela população						
Unidade 1: As áreas rurais em mudança						
Subunidade 1.3. As novas oportunidades para as áreas rurais (manual pág. 53 -59)						
Objetivos Competências	Conteúdos	Conceitos	Tempos (50 min)	Estratégias de aprendizagem	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Equacionar a valorização das áreas rurais tendo em conta o desenvolvimento sustentável dessas áreas.</li> <li>❖ Equacionar o impacto do turismo no desenvolvimento das áreas rurais.</li> <li>❖ Refletir sobre as consequências da implantação de indústrias nas áreas rurais.</li> <li>❖ Reconhecer o papel dinamizador dos serviços nas áreas rurais.</li> <li>❖ Reconhecer a importância da</li> </ul>	<b>3.1.3. Novas oportunidades para as áreas rurais:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>❖ A redescoberta da multifuncionalidade do espaço rural.</li> <li>❖ Estratégias integradas de desenvolvimento rural.</li> </ul>	Multifuncionalidade  TER (turismo no espaço rural)  Património cultural Património paisagístico	3 X 50 min.	Diálogo professor/aluno aluno/professor  <b>PowerPoint – Novas oportunidades para as áreas rurais</b> (texto editora), análise da primeira parte do recurso para o conhecimento de modalidades de turismo  <b>Visionamento do documentário:</b> <i>Exaltação da natureza no parque de natureza de Noudar</i> (11:22 min)	Computador com ligação à internet  Videoprojector  PowerPoint  Manual  Mapa de Portugal	Registo da participação e comportamento dos alunos  Reflexão e espírito crítico  Autonomia na realização de tarefas
		Turismo sustentável  Indústria Silvicultura  Energias renováveis: Biomassa	3 X 50 min.	Realização de atividades propostas: guião de exploração do vídeo	Carta topográfica  Folhetos	Cooperação no trabalho em parceria  Registo da motivação dos alunos



iniciativa comunitária LEADER para o desenvolvimento rural		Biodisel		<p><b>PowerPoint –</b> <i>"Produtos agrícolas de qualidade"</i> (Porto editora)</p> <p><b>PowerPoint – Novas oportunidades para as áreas rurais</b> (texto editora), análise da segunda parte do recurso para o conhecimento de indústria e desenvolvimento rural; papel dinamizador dos serviços; energias renováveis e iniciativa LEADER</p> <p><b>Estudo de caso:</b> Aldeias fantasma em Portugal – <i>"Aldeia Velha de Azevo"</i> Visionamento de vídeo, (8min)</p> <p>Pretende-se que os alunos em grupos de 4 elementos façam uma análise SWOT, pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e potencialidades da aldeia em estudo.</p> <p>Os grupos apresentarão as suas conclusões à turma em espaço de sala de aula</p>	<p>Guião fornecido pela professora</p> <p>Ficha de trabalho, imagens e mapa da área em estudo</p>	em grelha própria
--	--	----------	--	--	---	----------------------

**Webgrafia:**

A exaltação da natureza no Parque de Natureza de Noudar

[http://www.youtube.com/watch?v=3K\\_hL4by8Kg](http://www.youtube.com/watch?v=3K_hL4by8Kg)

Aldeia velha de Azevo

<http://www.youtube.com/watch?v=6vDZCUVmlIA>

Roteiro de aldeias com história

<http://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/pdf/geoturismo/2.16.pdf>

Notícia sobre aldeia velha de Azevo (Pinhel), aldeia fantasma

<http://www.portugalnotavel.com/aldeia-velha-de-azevo-pinhel-tera-alguma-vez-jose-saramago-cidade/>

Roteiro aldeias

<http://www.cvrbi.pt/index.php/pt/rota-turistica?showall=&start=3>



## **Anexo VI – Planificação de aula do 11.º C**



Planificação de aula – 11º ano C

1º Período

Geografia A  
2014/2015

<b>Módulo III: Espaços organizados pela população</b>					
<b>Unidade 1: As áreas rurais em mudança</b>					
<b>Subunidade 1.3. As novas oportunidades para as áreas rurais (manual pág. 53 -59)</b>					
<b>Questões orientadoras:</b> <i>Qual a importância do turismo sustentável e da oferta de produtos de qualidade no desenvolvimento das áreas rurais</i> <i>Qual o contributo da indústria e dos serviços para o desenvolvimento das áreas rurais.</i> <i>Qual a importância da iniciativa LEADER.</i>					
<b>Data:</b> 12/11/2014 <b>Sumário:</b> Portugal em notícia – apresentação de trabalhos dos alunos. Novas oportunidades para as áreas rurais – continuação da apresentação em PowerPoint. Produtos agrícolas de qualidade – Realização de ficha de trabalho em grupo.					
Objetivos específicos	Conteúdos	Conceitos	Experiências de aprendizagem	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Pretende-se que os alunos discutam e equacionem a valorização das áreas rurais tendo em conta o desenvolvimento sustentável das mesmas.</li> <li>✓ Equacionem o impacto do turismo no desenvolvimento das áreas rurais.</li> <li>✓ Caracterizem as modalidades de TER</li> </ul>	Multifuncionalidade do espaço rural  Turismo no espaço rural  Modalidades de turismo  Atividades turísticas no espaço rural  Sustentabilidade do turismo	Turismo sustentável  LEADER (ligações entre ações de desenvolvimento da economia rural)	Portugal em notícia – apresentação de trabalhos  <b>PowerPoint – Novas oportunidades para as áreas rurais</b> (texto editora), análise da segunda parte do recurso  <b>PowerPoint – “Produtos agrícolas de qualidade”</b> (Porto editora)  Realização de ficha de trabalho. Pretende-se que os alunos criem um “BI” dos produtos que irão observar na aula.	Computador  Videoprojector  Manual  Mapa de Portugal  Ficha de trabalho, imagens e mapa da área em estudo	Observação direta na sala de aula:  Avaliação formativa do trabalho realizado pelos alunos em grelha própria  Identificação e análise de problemas Capacidade de comunicação oral e escrita.

					<p>Capacidade de argumentação.</p> <p>Autonomia na realização das tarefas.</p>
<p>Bibliografia/web:</p> <p>Manual escolar (pág. 53 – 59)</p> <p>PowerPoint – <i>Novas oportunidades para as áreas rurais</i> (texto editora)</p> <p><i>Produtos agrícolas de qualidade</i> (Porto editora)</p>					

## **Anexo VII – *PowerPoint* – Produtos agrícolas**





**AS ÁREAS RURAIS EM MUDANÇA**  
Produtos agrícolas de qualidade

**DOP / IGP / ETG**

**Produtos agrícolas de qualidade**

Existe em toda a Europa uma imensa riqueza e variedade de produtos alimentares. Mas quando um produto adquire uma reputação que ultrapassa fronteiras, é possível que tenha de se defrontar no mercado com produtos copiados que usurpam o seu nome. Esta concorrência desleal não só desencoraja os produtores, como também induz o consumidor em erro. Por essa razão, a União Europeia criou, em 1992, sistemas de proteção e de valorização dos produtos agroalimentares.



**Produtos agrícolas de qualidade**



**DOP**

Identifica um produto:

- originário de um local ou região determinados;
- cuja qualidade ou características se devam essencial ou exclusivamente a um meio geográfico específico, incluindo os seus fatores naturais e humanos;
- cujas fases de produção tenham todas lugar na área geográfica delimitada.

**Produtos agrícolas de qualidade**



**IGP**

Identifica um produto:

- originário de um local ou região determinados;
- que possua determinada qualidade, reputação ou outras características que possam ser essencialmente atribuídas à sua origem geográfica;
- em relação ao qual pelo menos uma das fases de produção tenha lugar na área geográfica delimitada.

**Produtos agrícolas de qualidade**



**ETG**

Descreve um produto que:

- resulte de um modo de produção, transformação ou composição que corresponda a uma prática tradicional; ou
- seja produzido a partir de matérias-primas ou ingredientes utilizados tradicionalmente.

**Produtos agrícolas de qualidade**

Clicar nos pontos assinalados para aceder a informações sobre alguns produtos DOP e IGP portugueses, segundo a legenda de categorias seguinte:

- Frutas, produtos hortícolas e cereais não transformados ou transformados
- Carne (e miudeças) fresca(s)
- Produtos à base de carne (aquecidos, salgados, fumados, etc.)
- Queijos
- Margarinas gordas (manteiga, margarina, oleos, etc.)
- Outros produtos de origem animal (ovos, mel, produtos lácteos diversos exceto manteiga, etc.)
- Produtos de padaria, de pasteleria, de confeitaria ou de indústria de bolachas e biscoitos
- Outros produtos (especiarias, etc.)



Porto Editorial













## **Anexo VIII – Atividade em grupo – Produtos agrícolas**







GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
- ESCOLA



AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS BAIXA-CHIADO

Escola Sede – ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

Código de Agrupamento 171943

DGE – Direção-Geral da Educação  
DGAE – Direção-Geral da Administração Escolar  
DGESIE – Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares

### Produtos agrícolas de qualidade

#### Atividade de grupo – 11º C

Elementos do grupo:

_____	nº
_____	nº
_____	nº
_____	nº



*São únicos. Só têm aquele sabor porque nasceram naquela paisagem. São produtos DOP (Denominação de Origem Protegida) ou IGP (Indicação Geográfica Protegida). Ajudam os territórios a que pertencem, criam emprego, são trunfos para o turismo. Mas valorizamo-los pouco e conhecemo-los mal.*

Fonte: <http://www.publico.pt/textual/voçócia/produtos-dop-nao-é-no-mundo-sou-é-irmão-1613527>, 24/11/2013

1. A partir da observação de cada um dos produtos, preenche um “BT” desses mesmos produtos indicando:

#### Produto 1 - ficha técnica:

Nome do produto: \_\_\_\_\_  
Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_  
Ingredientes: \_\_\_\_\_  
Região: \_\_\_\_\_  
Certificado: \_\_\_\_\_

#### Produto 2 - ficha técnica:

Nome do produto: \_\_\_\_\_  
Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_  
Ingredientes: \_\_\_\_\_  
Região: \_\_\_\_\_  
Certificado: \_\_\_\_\_

#### Produto 3 - ficha técnica:

Nome do produto: \_\_\_\_\_  
Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_  
Coloração: \_\_\_\_\_  
Ingredientes: \_\_\_\_\_  
Região: \_\_\_\_\_  
Certificado: \_\_\_\_\_

#### Produto 4 - ficha técnica:

Nome do produto: \_\_\_\_\_  
Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_  
Ingredientes: \_\_\_\_\_  
Região: \_\_\_\_\_  
Certificado: \_\_\_\_\_

**Produto 5 - ficha técnica:**

Nome do produto: \_\_\_\_\_

Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_

Ingredientes: \_\_\_\_\_

Região: \_\_\_\_\_

Certificado: \_\_\_\_\_

**Produto 6 - ficha técnica:**

Nome do produto: \_\_\_\_\_

Tipo de embalagem: \_\_\_\_\_

Ingredientes: \_\_\_\_\_

Região: \_\_\_\_\_

Certificado: \_\_\_\_\_

2. Assinala no mapa de Portugal (cores ou símbolos) os produtos que identificaste elaborando a respetiva legenda:

**Fig. 11 - Mapa de Portugal continental (NUTS III) e Regiões Autónomas Madeira e Açores**



**2.1 - Legenda:**

## **Anexo IX – Grelha de avaliação dos trabalhos 11.º C**



**Grelha de avaliação - trabalho de grupo 11ºC**

**Produtos agrícolas de qualidade**

Níveis de avaliação	Descritores	Participação	Intervenção pessoal	Autonomia	Gestão de tempo	Relação com os outros	Total
1,2,3,4							
Nº	Nome						
1		4	4	3	4	4	19
2		4	4	4	4	4	20
3		4	4	3	4	4	19
4		4	4	4	4	4	20
5		4	4	4	4	4	20
6		4	4	4	4	4	20
7		4	4	4	4	4	20
8		4	4	4	4	4	20
9		4	4	4	4	4	20
10		4	4	3	4	4	19
11		4	4	4	4	4	20
12		4	4	4	4	4	20
13		4	4	4	4	4	20
14		4	4	3	4	4	19
15		4	4	4	4	4	20
16		4	4	4	4	4	20
17		4	4	4	4	4	20
18		4	4	4	4	4	20
19		4	4	3	4	4	19
20		4	4	4	4	4	20
21		4	4	4	4	4	20
22		4	4	4	4	4	20
23		4	4	4	4	4	20
24		4	4	4	4	4	20
25		4	4	4	4	4	20
26		4	4	4	4	4	20
27		4	4	4	4	4	20
28		4	4	4	4	4	20
29		4	4	4	4	4	20
30		4	4	3	4	4	19
31		4	4	3	4	4	19

**Descritores de avaliação de trabalho de grupo/pares**

## Descritores de avaliação de trabalho de grupo/pares

	1	2	3	4	Pontos
<b>Participação</b>	Não interage ou está sempre a falar não permitindo que mais ninguém fale.	Está quase sempre a falar e raramente permite que mais alguém fale.	Ouve, mas, por vezes, fala em demasia.	Ouve e fala de forma equilibrada.	___/4
<b>Intervenção pessoal</b>	Raramente apresenta ideias válidas durante o trabalho em sala de aula.	Colabora pontualmente para o trabalho em sala de aula distraído-se frequentemente das tarefas.	Colabora, sendo responsável pelas tarefas que lhe são atribuídas.	Colabora com todas as tarefas e estimula a participação dos seus colegas. Contribui decisivamente para a elaboração do trabalho.	___/4
<b>Autonomia</b>	Não revela organização e autonomia nas tarefas.	Revela pouca organização e autonomia nas tarefas	Revela boa organização e autonomia nas tarefas.	Revela muito boa organização e autonomia nas tarefas.	___/4
<b>Gestão do tempo</b>	Não conclui as tarefas solicitadas dentro do prazo estabelecido.	Tende a adiar a conclusão das tarefas. O grupo não tem que adiar a entrega do trabalho mas a qualidade é afetada.	Tende a adiar a conclusão das tarefas mas consegue cumprir os prazos. O grupo não tem que adiar a entrega do trabalho.	Gere bem o tempo e assegura a conclusão das suas tarefas dentro do prazo estabelecido.	___/4
<b>Relação com os outros</b>	Demonstra apatia ou liderança autoritária, contribuindo negativamente para o grupo.	Demonstra algum interesse, embora não interfira na dinâmica do grupo.	Demonstra interesse pela dinâmica do grupo, contribuindo para o trabalho.	Interage como os outros ou lidera de forma a valorizar o trabalho de grupo.	___/4
<b>Total</b>					___/20

Adaptado de Galvão, Reis, Freire, e Oliveira (2006).

**Nota: cada grupo é identificado por cores**

## **Anexo X - Planificação de subunidade temática – 10.º C**





Planificação de subunidade temática – 10º ano

Geografia A

2014/2015

1º Período

Módulo I: A população utilizadora de recursos e organizadora de espaços						
Unidade 2: A distribuição da população (manual pág. 61-71)						
Objetivos Competências	Conteúdos	Conceitos	Tempos (50 min)	Estratégias de aprendizagem	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> <li>Relacionar a desigual distribuição espacial da população com fatores naturais.</li> <li>Relacionar a desigual distribuição espacial da população com fatores humanos.</li> <li>Explicar os problemas na distribuição da população.</li> <li>Debater medidas passíveis de atenuar as assimetrias regionais na</li> </ul>	<p><b>A distribuição da população</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os fatores naturais</li> <li>Os fatores humanos</li> </ul> <p><b>Condicionantes da distribuição da população:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>A litorização do povoamento</li> <li>O despovoamento no interior</li> <li>Medidas para promover a fixação da população no interior e uma correta</li> </ul>	<p>Densidade populacional</p> <p>Despovoamento</p> <p>Litorização</p> <p>Bipolarização</p> <p>Ordenamento do território</p> <p>Planeamento</p>	4 X 50 min.	<p>Diálogo professor/aluno</p> <p>Concretização de trabalho de pares ou em grupo do sítio da PORDATA</p> <p>Realização de exercícios a partir das TIG</p> <p>Análise de documentos geográficos do manual escolar ou recolhidos na escola paralela</p> <p>Realização de atividades propostas</p>	<p>Computador com ligação à internet</p> <p>Videoprojector</p> <p>PowerPoint</p> <p>Manual (pág. 61-71)</p> <p>Mapa de Portugal</p> <p>Fichas de trabalho</p>	<p>Registo da participação e comportamento dos alunos</p> <p>Autonomia na realização de tarefas</p> <p>Cooperação no trabalho em parceria</p> <p>Resultados do trabalho de grupo em grelha própria</p>

<p>distribuição espacial da população.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver capacidades de observação, análise, investigação e espírito crítico.</li> <li>Utilizar e interpretar informação estatística</li> <li>Utilizar o TIC na pesquisa, recolha e tratamento de informação de dados estatísticos</li> </ul>	<p>ocupação do espaço nas áreas mais povoadas.</p>		<p>3 X 50 min.</p>	<p>Animações recomendadas no manual</p> <p>PowerPoint – <i>Distribuição da população portuguesa</i> (texto editora); Ordenamento e Planeamento do território</p> <p>PowerPoint – Portugal visto aos olhos do professor Orlando Ribeiro em comparação com o Portugal atual.</p> <p>Vídeos: <i>25 Anos de Portugal europeu – cidades e povoamento</i>, tvi (5:24 min)</p> <p><i>Ignite-Ana Linhares- Novos povoadores</i> mp4 (5:20 min)</p>		
<p>Webgrafia: Manual (pag. 60-71) PowerPoint – <i>Distribuição da população portuguesa</i> (texto editora); Ordenamento e planeamento do território Powerpoint – Portugal visto aos olhos do professor Orlando Ribeiro</p> <p><i>25 Anos de Portugal europeu – cidades e povoamento</i>, tvi (5:24 min) <a href="https://www.youtube.com/watch?v=XvdQ3uCcIK4">https://www.youtube.com/watch?v=XvdQ3uCcIK4</a></p>						

*Ignite-Ana Linhares- Novos povoadores* mp4 (5:20 min)

<http://www.youtube.com/watch?v=Ln9cs6aOg98>

**PORDATA**

<http://www.pordata.pt>

**INE**

[http://www.ine.pt/scripts/flex\\_definitivos/Main.html](http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html)



## **Anexo XI – Planificação de aula do 10.º C**



Planificação de aula – 10º ano C  
1º Período

Geografia A

2014/2015

<b>Módulo I: A população utilizadora de recursos e organizadora de espaços</b>					
<b>Unidade 2: A distribuição da população (manual pág. 60-71)</b>					
<b>Questões orientadoras:</b> Como se distribui a população portuguesa? Que fatores influenciam a sua repartição? Que problemas levantam a desigualdade da repartição da população?					
<b>Data:</b> 18/11/2014 <b>Sumário:</b> <i>Distribuição da população portuguesa</i> – Fatores físicos e humanos, apresentação em PowerPoint. Litorização e Bipolarização. Realização de ficha de trabalho a pares.					
Objetivos específicos	Conteúdos	Conceitos	Experiências de aprendizagem	Recursos	Avaliação
- Pretende-se que o aluno relacione a desigualdade da distribuição espacial da população com fatores físicos e humanos  - Equacione problemas decorrentes da desigual repartição da população portuguesa  - Discuta possíveis medidas e soluções para a redução de	Repartição da população portuguesa  Os fatores físicos e humanos  Problemas associados às grandes concentrações demográficas e ao despovoamento	Densidade Populacional  Litorização  Bipolarização  Fatores naturais  Fatores humanos	PowerPoint – <i>Distribuição da população portuguesa</i> (texto editora)  Realização de uma ficha de trabalho a pares. Pretende-se que os alunos identifiquem fatores naturais e humanos para a fixação de população tendo por base o relatório fotográfico do professor Orlando Ribeiro.	Computador  Videoprojector  Manual (pág. 60-71)  Mapa de Portugal  Fichas de trabalho	Registo da participação e comportamento dos alunos  Autonomia  Capacidade de resolução de atividades a pares  Avaliação em grelha própria.



assimetrias regionais					
- Desenvolva capacidades de observação, análise, investigação e espírito crítico					
Bibliografia/web: Manual escolar (pag.60-71) PowerPoint – <i>Distribuição da população portuguesa</i> (texto editora)					

## **Anexo XII – Ficha formativa – Distribuição da população 10.º C**



## A Distribuição da População

### Ficha formativa:

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

*“ Orlando Ribeiro fotografou exaustivamente o território português a partir de 1937. Durante quase cinco décadas fixou, pela imagem, o solo e as construções que nos rodeiam.”*

In Belo, Duarte, *Portugal- Luz e sombra, O País depois de Orlando Ribeiro*, Circulo de Leitores

1 – Observa as imagens que demonstram várias localidades fotografadas pelo professor Orlando Ribeiro de norte a sul de Portugal continental. Numa análise comparativa dos espaços “antes e depois”, identifica em cada grupo de imagens, os fatores físicos e humanos que possam ter atraído a fixação da população nestas áreas permitindo o seu alargamento ou abandono.

#### 1.1 - Imagem A: Cidade do Porto, 1942



#### Imagem B: .....Na atualidade



Fatores naturais/físicos

Fatores humanos

1.2 – Imagem C: Praia da Mira, Mira, Coimbra, 1945



Imagem D: Na atualidade



*"A aldeia de Palheiros de Mira era um dos derradeiros restos da arquitetura de madeira característica da costa arenosa do Norte e do Centro de Portugal. Casas de andar, chaminés de resalto, varandas, tudo era construído com grande mestria e elegância, nesse material, raro na nossa arquitetura popular (...)".*

Orlando Ribeiro

Fatores naturais/ físicos

Fatores humanos

1.3 – Imagem E: Montemor-o-Novo, Évora, 1947



Imagem F: Na atualidade



Fatores naturais/ físicos

Fatores humanos

1.4 - Imagem G: Sesimbra, Setúbal, 1945



Fatores naturais/físicos

Imagem H: Na atualidade



Fatores humanos

1.5 - Imagem I: Viseu, 1945



Fatores naturais/físicos

Imagem J: Na atualidade



Fatores humanos

1.6 - Imagem L: Moncorvo, Bragança, 1955



Fatores naturais/físicos

Imagem M: Na atualidade



Fatores humanos



### **Anexo XIII – Grelha de avaliação do trabalho de grupo do 10.º C**





Níveis de avaliação	Descritores	Participação	Intervenção pessoal	Autonomia	Gestão de tempo	Relação com os outros	Total
1,2,3,4							
Nº	Nome						
1		3	3	3	1	4	14
2		4	4	4	3	4	19
3		3	3	3	1	4	14
4		3	3	3	1	3	13
5		3	3	3	1	4	14
6		3	2	2	1	3	11
7		3	3	3	1	3	13
8		4	4	4	1	4	17
9		4	3	3	1	4	15
10		3	3	3	1	3	13
12		3	3	3	1	4	14
13		3	3	3	1	4	14
14							
15		3	3	3	1	4	14
16		3	3	3	1	3	13
17		3	3	3	1	4	14
18		3	3	3	1	4	14

19							
20		3	4	4	3	4	18
22		3	3	3	1	4	14
23		4	3	3	1	4	15
27		3	3	3	1	4	14
30							
31							

### Descritores de avaliação de trabalho de grupo/pares

	1	2	3	4	Pontos
<b>Participação</b>	Não interage ou está sempre a falar não permitindo que mais ninguém fale.	Está quase sempre a falar e raramente permite que mais alguém fale.	Ouve, mas, por vezes, fala em demasia.	Ouve e fala de forma equilibrada.	___/4
<b>Intervenção pessoal</b>	Raramente apresenta ideias válidas durante o trabalho em sala de aula.	Colabora pontualmente para o trabalho em sala de aula distraíndo-se frequentemente das tarefas.	Colabora, sendo responsável pelas tarefas que lhe são atribuídas.	Colabora com todas as tarefas e estimula a participação dos seus colegas. Contribui decisivamente para a elaboração do trabalho.	___/4
<b>Autonomia</b>	Não revela organização e autonomia nas tarefas.	Revela pouca organização e autonomia nas tarefas	Revela boa organização e autonomia nas tarefas.	Revela muito boa organização e autonomia nas tarefas.	___/4
<b>Gestão do tempo</b>	Não conclui as tarefas solicitadas dentro do prazo estabelecido.	Tende a adiar a conclusão das tarefas. O grupo não tem que adiar a entrega do trabalho mas a qualidade é afetada.	Tende a adiar a conclusão das tarefas mas consegue cumprir os prazos. O grupo não tem que adiar a entrega do trabalho.	Gere bem o tempo e assegura a conclusão das suas tarefas dentro do prazo estabelecido.	___/4
<b>Relação com os outros</b>	Demonstra apatia ou liderança autoritária, contribuindo negativamente para o grupo.	Demonstra algum interesse, embora não interfira na dinâmica do grupo.	Demonstra interesse pela dinâmica do grupo, contribuindo para o trabalho.	Interage como os outros ou lidera de forma a valorizar o trabalho de grupo.	___/4
<b>Total</b>					___/20

Adaptado de Galvão, Reis, Freire, e Oliveira (2006).



## **Anexo XIV - Planificação de subunidade temática – 10.º F**



Planificação de subunidade temática – 10º ano turma F  
Geografia B

2014/2015

Técnico Profissional de Turismo

2º período

Módulo B2 O Quadro Natural de Portugal – O Clima						
Conteúdos	Objetivos Competências	Conceitos	Situações de aprendizagem	Recursos	Tempos (50+90 min)	Avaliação
<b>Módulo B2:O Quadro Natural de Portugal - O Clima</b>	Compreender as características do clima de Portugal e Insular	Estado de tempo Clima Elementos do clima	Leitura e interpretação de mapas temáticos no tratamento e recolha de informação de dados climáticos	Computador com ligação à internet Videoprojector	1x50min  2x50min	Observação e registo da participação dos alunos a nível individual e em grupo  Registo em grelha própria da avaliação do trabalho realizado individualmente, em pares ou em grupo
B2.1 – As características climáticas de Portugal Continental	Compreender o padrão da distribuição espacial da temperatura e da precipitação	Fatores de Clima Precipitação Temperatura	Selecionar informação meteorológica em vários sítios da internet	Animações e vídeos (escola virtual) PowerPoint		
B2.2 – A diferenciação climática de Portugal Continental	Pesquisar informação meteorológica na Internet	Amplitude térmica Nebulosidade Carta sinótica Massa de ar	Construção e interpretação de gráficos termo pluviométricos	Utilização de mapa de Portugal		
B2.3 – O clima de Portugal no contexto dos	Interpretar mapas com a distribuição de diversos elementos do clima  Explicar o papel do relevo na distribuição	Depressão barométrica Anticiclone Linha isotérmica	Observação direta das características do estado do tempo que ocorrem no período/momento em que são lecionadas as aulas com	Utilização do globo terrestre  Outras representações da		

Travessa do Convento de Jesus – 1249-027 Lisboa | Telef. 213 955 191 – Fax – 213 976 839 | [espm@abc.edu.pt](mailto:espm@abc.edu.pt) | [www.abc.edu.pt](http://www.abc.edu.pt)



grandes conjuntos climáticos europeus B2.4 – As características climáticas dos Açores e da Madeira	<p>espacial da temperatura</p> <p>Relacionar a variabilidade da precipitação com a deslocação em latitude dos centros de alta e de baixa pressão</p> <p>Descrever as situações meteorológicas mais frequentes em Portugal Continental, no Verão e no Inverno</p> <p>Construir gráficos termo pluviométricos</p>	<p>Isóbara</p> <p>Insolação</p> <p>Humidade absoluta e relativa</p> <p>Superfície frontal</p>	<p>esta temática</p> <p>Realização de fichas formativas</p> <p>Realização de trabalhos individual, a pares ou em grupo</p> <p>Utilização das TIG e realização de exercícios a partir das TIG</p>	<p>superfície terrestre (imagens de satélite, fotografias, imagens do Google earth)</p>	3x50min	
	<p><b>Bibliografia:</b>            Manuais de Geografia A – 10º ano            manual de Geografia - 7º ano            RIBEIRO, Orlando, <i>“Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”</i>, estudo geográfico, ed Letra Livre, 2011            RIBEIRO, Orlando, <i>Geografia de Portugal II. “O ritmo climático e a paisagem”</i>, edições João Sá da Costa, Lisboa, 1987 (em colaboração com Hermann Lautensach e Suzanne Deveau)  <b>Sítios da internet:</b>  <a href="http://www.ipma.pt">www.ipma.pt</a>  <a href="http://www.wetterzentrale.net">www.wetterzentrale.net</a>  <a href="http://www.meteoalarm.eu">www.meteoalarm.eu</a></p>					

## **Anexo XV – Planificação de aula do 10.º F**



Planificação de aula – 10º ano turma F  
Geografia B

2014/2015

Técnico Profissional de Turismo

2º Período

Módulo B2					
O Quadro Natural de Portugal – O Clima					
<p>Data: 16/01/2015</p> <p>Sumário: Construção de gráficos Termo pluviométricos.</p> <p>Utilização e exploração na internet do Instituto Português do Mar e da Atmosfera – IPMA</p> <p>Realização de fichas de trabalho em grupo.</p>					
Conteúdos	Objetivos Competências	Conceitos	Situações de aprendizagem	Recursos	Avaliação
B2.1 – As características climáticas de Portugal Continental	<p>Compreender como se classifica o clima de Portugal Continental</p> <p>Compreender os fatores que diferenciam o clima de Portugal.</p>	<p>Zonas climáticas</p> <p>Precipitação</p> <p>Proximidade e afastamento do mar</p> <p>Continentalidade</p> <p>Latitude</p> <p>Altitude</p> <p>Variação da temperatura</p>	<p>Os alunos irão construir gráficos Termo pluviométricos em folha de cálculo Excel, como situação de aprendizagem da diversidade climática de Portugal Continental.</p> <p>Os dados de precipitação e temperatura serão obtidos na pesquisa das estações climatológicas do sítio IPMA</p> <p>Realização de fichas de trabalho em grupo.</p>	<p>Videoprojector</p> <p>Folha de cálculo Excel</p> <p>Computador com ligação à internet para pesquisa de dados do sítio do Instituto Português do Mar e da Atmosfera- IPMA</p>	<p>Observação e registo da participação oral e escrita dos alunos a nível individual</p> <p>Registo do trabalho dos alunos em grelha própria</p>



## **Anexo XVI – Planificação de aula do 10.º F**



Planificação de aula – 10º ano turma F  
Geografia B

2014/2015

Técnico Profissional de Turismo

2º Período

Módulo B2					
O Quadro Natural de Portugal – O Clima					
Data: 23/01/2015					
Sumário: Conclusão do trabalho realizado pelos alunos.					
Diversidade do clima português: síntese dos conteúdos lecionados.					
Conteúdos	Objetivos Competências	Conceitos	Situações de aprendizagem	Recursos	Avaliação
B2.1 – As características climáticas de Portugal Continental	Compreender como se classifica o clima de Portugal Continental  Compreender os fatores que diferenciam o clima de Portugal	Precipitação Proximidade e afastamento do mar Continentalidade Latitude Altitude Variação da temperatura	Partindo da construção de gráficos Termopluviométricos e num diálogo vertical e horizontal, os alunos irão fazer a leitura e interpretação do regime térmico e pluviométrico de cada estação meteorológica que realizaram  Apresentação em PowerPoint sobre a diversidade climática em Portugal como síntese dos lecionados	Computador com ligação à internet  Videoprojector  PowerPoint  Mapa de Portugal	Observação e registo da participação oral e escrita dos alunos a nível individual  Registo do trabalho dos alunos em grelha própria





## **Anexo XVII – Atividade de construção de gráficos termo pluviométricos**



## Curso Profissional de Turismo – Geografia 10<sup>º</sup>F

### Módulo B2

#### O Quadro Natural de Portugal – O Clima B2

**Atividade:** Construção de gráficos termo pluviométricos

**Tarefa A:** construção de gráficos Termo pluviométrico em formato Excel a partir dos dados obtidos no sítio eletrónico do ipma.

Aluno \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Para realizares este trabalho forma um grupo de 2 a 3 elementos. Toma atenção às explicações do professor e segue as indicações que se encontram neste guião (Tarefas A e B). Em seguida consulta os documentos que se encontram no Moodle para poderes realizar a tua apresentação em PowerPoint, sobre o clima de Portugal.

**Nota:** Deves ir guardando o trabalho que vais efetuando.

1<sup>º</sup> Abrir o aplicativo gráfico Termo pluviométrico fornecido pela professora.

2<sup>º</sup> Inserir o nome da localidade a que se refere o gráfico a construir.

3<sup>º</sup> Aceder ao sítio [www.ipma.pt](http://www.ipma.pt)

4<sup>º</sup> Clicar no menu *clima* e na opção *normais climatológicas*<sup>1</sup>.



5<sup>º</sup> Escolher as estações de Braga, Porto, Bragança, Penhas Douradas, Lisboa e Faro disponíveis na banda lateral direita da página relativos às normais climatológicas provisórias 1981 – 2010.



<sup>1</sup> Chama-se normal climatológica aos elementos climáticos de um local cujo valor médio corresponda a um número de anos suficiente para se poder admitir que ele representa o valor predominante no local considerado.

A Organização Meteorológica Mundial (OMM) fixou para este fim 30 anos começando no primeiro ano de cada década (1901-30, ..., 1931-1960, 1941-1970, ..., 1961-1990, 1971-2000).

6º Observar as normais climatológicas das estações escolhidas, referentes à variação da temperatura do ar ao longo do ano.

7º Passar o rato por cima da linha verde do gráfico apresentado e registar cada valor mensal da *temperatura média* na coluna da temperatura existente do ficheiro Excel.



8º Selecionar a variável *precipitação* na banda lateral direita da página do ipma.



9º Observar as normais climatológicas da estação escolhida, referentes à variação da precipitação ao longo do ano.

10º Passar o rato por cima das colunas azuis-claros do gráfico apresentado e registar cada valor mensal da *média de quantidade total* na coluna da precipitação existente no ficheiro Excel.



11º Analisar o gráfico Termo pluviométrico obtido com base nas informações apresentadas no ficheiro Excel, completando a tabela seguinte:

Regime térmico	Temperatura média anual (TMA)
	Mês mais quente e respetivo valor
	Mês mais frio e respetivo valor
	Amplitude térmica anual (ATA)
Regime pluviométrico	Mês mais chuvoso e respetivo valor
	Mês menos chuvoso e respetivo valor
	Precipitação total anual (PTA)
	Número de meses secos

12º Identificar o tipo de clima representado nos gráficos Termo pluviométrico.

---



---



---

Fonte: caderno de atividades 10º ano, Porto Editora



**Anexo XVIII – *PowerPoint* - O Quadro Natural de Portugal – O Clima**  
**Especificidades do clima português**





# Especificidade do clima português

Curso Profissional de Hotelaria e Turismo - técnico de turismo - 10ºF  
Módulo B2  
O Quadro Natural de Portugal - O Clima

## Gráficos Termo pluviométricos:

Para que servem?

Para proceder ao estudo do clima de uma região ou de uma cidade, construímos gráficos termo pluviométricos com base nos dois elementos do clima - **temperatura e precipitação**.



- Depois de construíres cada um dos gráficos deverás saber:
- Identificar a estação meteorológica representada  
Nome do local, país, latitude, altitude
- Analisar o comportamento da temperatura ao longo do ano  
Mantém-se regular?  
Quais são os meses com temperaturas mais elevadas e menos elevadas?  
Qual a amplitude térmica anual?
- Analisar o comportamento da precipitação ao longo do ano  
Há ocorrência de precipitação durante todo o ano?  
Quais são os meses mais chuvosos, com valores mais elevados?  
Há meses secos? Quais?
- Identificar o tipo de clima representado pelo gráfico

Atribui um título a este slide



Menciona o nome do subtipo climático

Colar gráfico Termo pluviométrico de Braga

Preenche os dados obtidos na tabela seguinte:

Temperatura média anual	
Precipitação total	
Temperatura máxima	
Temperatura mínima	
Amplitude térmica máxima anual	
Altitude máxima	

Indicar principais características



Menciona o nome do subtipo climático

(...) Desde o rio Minho até perto do Mondego (...) a pinha do verão é fresca, cerca de 30° em Agosto em média, e o inverno suave, mais de 10° em Janeiro [...]

Citamos Ribeiro, As características climáticas, pag. 20



Ilustra a frase com imagem tendo em conta:  
O relevo  
Vegetação  
Produtos agrícolas  
Identifica a imagem

Menciona o nome do subtipo climático

• Colar gráfico Termopluviométrico de Bragança



Preenche os dados obtidos na tabela seguinte:

Temperatura média anual
Precipitação total
Temperatura máxima
Temperatura mínima
Amplitude térmica anual
DI de meses secos

Indicar principais características:

Menciona o nome do subtipo climático

[...] clima transmontano, de afilidades continentais, muito mais seco, com inverno moderado e verão ardente [...]. No norte transmontano a paisagem cobre-se de tons severos, claretos, acastanhados [...].



Ilustra a frase com imagens tendo em conta:

- O relevo
- Vegetação
- Produtos agrícolas
- Identifica a imagem

Menciona o nome do subtipo climático

[...] clima transmontano, de afilidades continentais, muito mais seco, com inverno moderado e verão ardente [...]. No norte transmontano a paisagem cobre-se de tons severos, claretos, acastanhados [...].




Ilustra a frase com imagens tendo em conta:

- O relevo
- Vegetação
- Produtos agrícolas
- Identifica a imagem

Menciona o nome do subtipo climático

O clima do Ocidente, a que Lisboa pode servir de paradigma (exemplo), é em tudo mais moderado: 22° em Agosto, 11,5° de amplitude [...], três meses secos, mais 100 dias de chuva e valores de humidade 45% [...].



Ilustra a frase com imagens tendo em conta:

- O relevo
- Vegetação
- Identifica a imagem

Menciona o nome do subtipo climático

• Colar gráfico Termopluviométrico de Faro



Preenche os dados obtidos na tabela seguinte:

Temperatura média anual
Precipitação total
Temperatura máxima
Temperatura mínima
Amplitude térmica anual
DI de meses secos

Indicar principais características:

Menciona o nome do subtipo climático

O Algarve forma um mundo à parte, tipicamente mediterrâneo, pelo inverno quase tépido, pelo longo verão, pela luminosidade do ar, pela escassez e repartição das chuvas [...].



Ilustra a frase com imagens tendo em conta:

- O relevo
- Vegetação
- Produtos agrícolas
- Identifica a imagem

Menciona o nome do subtipo climático

Colar gráfico Termo pluviométrico de **Penhas Douradas**

Preenche os dados obtidos na tabela seguinte:

Temperatura média anual
Precipitação total
Temperatura máxima
Temperatura mínima
Amplitude térmica anual
Máx da estação seca

Indicar principais características:



Menciona o nome do subtipo climático

O inverno é longo, frio, abundante em chuvas e neve – 35 dias na Serra da Estrela. A precipitação atinge nas serranias expostas aos ventos atlânticos, 2000 a 3000 mm [...].

Ilustra a frase com imagens tendo em conta:

- O relevo
- Vegetação
- Produtos agrícolas
- Identifica a imagem



Gráfico Termo pluviométrico do Arquipélago da Madeira

**Funchal e Santana**

**Funchal**

**Santana**

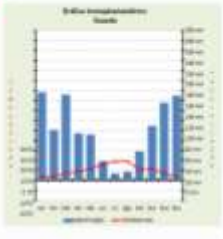


**Características climáticas**

Imagens de paisagens típicas desta área, serras, produtos hortícolas e frutícolas, etc., com a respetiva identificação do nome lugar



Clima temperado com influência continental




Temperatura média anual	10,0
Precipitação total	1055 mm
Temperatura máxima	28,8
Temperatura mínima	-3,4
Amplitude térmica anual	32,2
Máx da estação seca	0

O clima da região/detrino da Guarda caracteriza-se por um inverno frio, a precipitação é fraca à exceção dos meses de janeiro, março, novembro e dezembro, onde pode ocorrer precipitação em forma de neve. O verão quente, sendo a estação seca com uma duração de dois meses. Elevada amplitude térmica anual (+/- 36°)

Clima temperado com influência continental

**Cidade da Guarda**

**Cidade de Póvoa**, em dia de verão

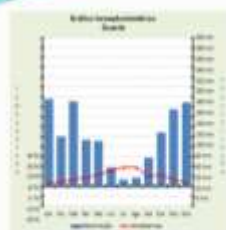
**Paisagem rural**

**Paisagem rural, Trancoso**

**Queijo da serra, produto típico desta região**



# Clima temperado com influência continental



Temperatura média anual	10.0
Precipitação total	595 mm
Temperatura máxima	35.9
Temperatura mínima	-3.4
Amplitude térmica anual	39.3
10 de meses secos	0

O clima da região/distrito da Guarda caracteriza-se por um inverno frio, a precipitação é fraca à exceção dos meses de janeiro, março, novembro e dezembro, onde pode ocorrer precipitação em forma de neve. O verão quente, sendo a estação seca com uma duração de dois meses. Elevada amplitude térmica anual (+/- 30°)

## **Anexo XIX - Ficha sobre a diversidade do clima português 10.º F**



**Curso Profissional de Turismo – Geografia 10ºF****Módulo B2****O Quadro Natural de Portugal – O Clima Io B2**

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

**1 - Após teres realizado o teu trabalho em PowerPoint sobre a diversidade do clima português, completa-o respondendo às seguintes questões:**

**1.1 – Selecione duas estações meteorológicas que lhe permitam comparar os contrastes climáticos entre:**

- a) Norte e Sul
- b) Litoral e Interior

---

---

**1.2 – Compare as duas estações meteorológicas que escolheu no que respeita a:**

- a. Variação da temperatura ao longo do ano.

---

---

- b. Amplitude de variação térmica anual.

---

---

- c. Distribuição e quantidade de precipitação ao longo do ano.

---

---

- d. Número de meses secos.

---

**2 – Explique, relativamente à distribuição da temperatura e da precipitação, os contrastes entre:**

**2.1 – Norte - Sul**



---

---

---

## 2.2 – Litoral - Interior

---

---

---

**3 - Enuncie as principais diferenças entre os conjuntos climáticos de Portugal Continental relativamente aos seguintes aspetos:**

**a) Variação da temperatura ao longo do ano**

---

---

**b) Amplitude de variação térmica anual**

---

---

**c) Volume anual de precipitação e a sua distribuição pelos meses**

**do ano**

---

---



fig.1 – principais domínios climáticos em Portugal continental

**3.1. Compare o gráfico das penhas Douradas com os outros gráficos que elaborou e refira as principais diferenças quanto a:**

**a) Temperatura**

---

---

**b) Precipitação**

---

---

**3.1.1. Justifique essas diferenças.**

---

---

---

**4 - Enuncie as principais diferenças climáticas entre Funchal e Santana relativamente aos seguintes aspetos:**

**a) Variação da temperatura ao longo do ano**

---

---

**b) Amplitude de variação térmica anual**

---

---

**c) Volume anual de precipitação e a sua distribuição pelos meses do ano**

---

---



**fig 2 – Precipitação na ilha da Madeira**



**fig 3 – Arquipélago da Madeira**



**Anexo XX - Grelha de observação do trabalho em *PowerPoint*  
dos alunos 10.º F**



Ano: 10.º F

Grelha de observação do trabalho em PowerPoint dos alunos

2014/2015

N.	Nome	Realização de tarefas (n.º de slides)				Construção e interpretação de gráficos				Utiliza vocabulário específico da disciplina				Utiliza corretamente a língua portuguesa				Recolha e seleção de informação				Aspeto gráfico				Indicação de fontes e títulos				Prazo de entrega			
		MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS	MB	B	SUF	INS
1				X			X					X				X			X			X				X			X			X	
2						X		X				X				X			X			X				X			X			X	
3		X					X				X				X				X			X				X			X			X	
4				X			X	X				X			X				X			X				X			X			X	
5			X				X					X			X				X			X				X			X			X	
6				X			X					X			X				X			X				X			X			X	
7			X				X					X			X				X			X				X			X			X	
8			X				X					X			X				X			X				X			X			X	
9		X					X					X			X				X			X				X			X			X	
10				X			X	X				X			X				X			X				X			X			X	
11		X					X				X				X				X			X				X			X			X	
12		X					X					X			X				X			X				X			X			X	
13		X					X				X				X				X			X				X			X			X	
14				X			X					X			X				X			X				X			X			X	
15						X		X				X			X				X			X				X			X			X	

**Descritores de tarefas (Nº de slides)**

<b>Realiza total de 9 slides</b>	<b>Muito Bom (MB)</b>
<b>Realiza total de 6 a 9 slides</b>	<b>Bom (B)</b>
<b>Realiza total de 4 a 5 slides</b>	<b>Suficiente (SUF)</b>
<b>Realiza igual ou inferior a 3 slides</b>	<b>Insuficiente (INS)</b>

**Anexo XXI - Certificado da Pós-graduação em Ciências da  
Educação/Ramo de Formação Educacional**







Em face dos arquivos desta Universidade, eu Reginaldo Rodrigues de Almeida, Director da Administração Escolar da Universidade Autónoma de Lisboa, certifico que Maria Luísa de Sousa Neves Ferreira filho(a) de Luís Amadeu Mendonça Neves e de Lucília da Conceição Ferreira de Sousa Neves portador(a) do Bilhete de Identidade nº 7821174 emitido em 09/09/2004 pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, nascido(a) a 23/11/1966 na freguesia de S. Sebastião da Pedreira concelho de Lisboa distrito de Lisboa residente em Lisboa.

Licenciado(a) em História no ano lectivo de 2001/2002, com a classificação de 13 (treze valores) obteve as seguintes classificações no curso de Ciências da Educação/Ramo de Formação Educacional.

1º ANO 2005/2006		
INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO .....	14	{val.}
PSICOLOGIA EDUCACIONAL .....	14	{val.}
ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR .....	15	{val.}
DIDÁCTICA DA HISTÓRIA .....	15	{val.}

2º ANO 2006/2007		
ESTÁGIO .....	14	{val.}
SEMINÁRIO .....	13	{val.}

CLASSIFICAÇÃO PROFISSIONAL: 13,3 (treze valores e três décimas) a 21/06/2007.

Por ser verdade e me ter sido pedido mandei passar este Certificado que vai por mim assinado e autenticado com o selo branco em uso nesta Universidade.

Lisboa, 22 de Julho de 2007.

O Director da Administração Escolar



(Prof. Doutor Reginaldo Rodrigues de Almeida)

Aluno nº 20051001  
Conf.: 333 44661

